



TENSÃO E ESTRUTURA DO CARÁTER Uma síntese de conceitos

David Boadella

Baseado no trabalho distribuído no “Tavistock Institute of Human Relation”
em Londres, no dia 18 de Janeiro de 1974

PARTE I – ENERGIA LIBIDINAL E CONTATO HUMANO

Desde Freud, há duas correntes dominantes no desenvolvimento da caracterologia. De um lado, seguindo a psicologia dos instintos de Freud com foco nos bloqueios da libido, foi desenvolvido um sistema de tipos de caráter baseado nas classificações, segundo os estágios de desenvolvimento: oral, anal e genital. Os trabalhos clássicos sobre caracterologia na primeira metade do século foram *ANÁLISE DO CARÁTER* de Reich (1) e *TEORIA PSICANALÍTICA DAS NEUROSES* de Fenichel (2), que estudou com Reich e incorporou muitas das suas ideias no seu livro.

Desde a morte de Reich dois estudiosos tentaram repensar as dinâmicas do caráter com base na sua abordagem. Elsworth Baker em *O LABIRINTO HUMANO* (3) sintetizou os principais tipos de caracteres descritos por ele e acrescentou algumas novas divisões. A outra tentativa de desenvolver os conceitos de caráter de Reich, ampliando e aprofundando, foi dada por Alexander Lowen. O seu livro *O CORPO EM TERAPIA* (4) começa onde a análise do caráter parou e é um dos mais brilhantes livros já escritos sobre a formação do caráter. A classificação de Lowen manteve-se essencialmente em termos de oralidade, masoquismo (com analidade) e genitalidade, embora tenha acrescentado dois capítulos sobre o problema esquizóide e esquizofrénico.

A segunda corrente da caracterologia seguiu uma linha de desenvolvimento um tanto diferente, não tendo como origem a “Teoria dos Instintos” de Freud, mas a “Psicologia do Ego”. Harry Guntris (5) traçou a história desta abordagem desde Melanie Klein a Fairbairn, passando por Winnicott e pela escola das “Relações Objetivas” dos psicanalistas ingleses. O trabalho de Sullivan e a Escola de Washington tem muito em comum com esta abordagem na medida em que a ênfase não foi colocada nos estágios de desenvolvimento da libido e nos complexos específicos orais, anais e genitais, mas na qualidade do contato entre as pessoas. Melanie Klein introduziu os termos “posição depressiva” e “posição paranóide”

para duas modalidades de relação entre as pessoas. Karen Horney, também seguindo pistas dadas por Reich, dividiu os tipos de caráter entre: os que se movem contra (em oposição a) as pessoas, os que se movem na

direção das pessoas e os que se movem se afastando delas. A maior realização nessa abordagem “relação-objeto” foi o livro de Frank Lake (6) sobre caracterologia, um marco em todos os sentidos, apesar de sua insistência em apresentar a sua excepcionalmente clara psicodinâmica associada a conceitos específicos da teologia cristã.

Nos últimos anos, Lowen publicou dois livros que exploram, de um modo mais interpessoal, as dinâmicas da posição esquizóide - *O CORPO TRAÍDO* (7) e a posição depressiva - *O CORPO EM DEPRESSÃO* (8). Mostrou ser um pensador criativo, que reformula continuamente a sua abordagem do caráter, simplificando-a e reduzindo os processos formativos ao essencial. O seu pensamento mais recente está descrito no seu trabalho sobre a hierarquia do caráter de 1973 - publicado na *Energy and Character* vol. 5 N°3 (9).

A abordagem de Lowen vinda de Reich, com a sua ênfase na energia e nos sistemas de tensões corporais, começou como uma dinâmica física e avançou na direção de uma compreensão mais ampla das situações de base (raiz) que produzem os bloqueios caracterológicos. A abordagem de Lake, vinda de sua base cristã, começou como uma consideração sobre a doença da alma quando esta nasce em condições traumáticas. Lake recentemente tomou contato com a abordagem bioenergética e elogiou Lowen dizendo:” *O CORPO TRAÍDO* de Lowen é um estudo muito bem escrito e detalhado sobre a dinâmica da personalidade esquizóide. Tenho que fazer justiça à abundância das suas observações do interior e do exterior e as suas correlações. Ele é extremamente perspicaz em relação à falta de habilidade física a que as personalidades esquizóides estão sujeitas.” (10)

Os conceitos caracterológicos de Lowen são amplamente adotados por analistas da bioenergética, mas o desenvolvimento deste pensamento ainda não foi ampliado por outros de seu grupo. Frank Lake reclama que nem teólogos nem psiquiatras entendem a sua abordagem, mas donas de casa ficam fascinadas com o seu livro.

Durante alguns anos estive interessado na relação entre defesas de caráter e padrões animais de resposta à tensão (stress-response). Fiquei fascinado com o simples fato de que dois livros tão perspicazes como os de Lake e Lowen pudessem falar tão profundamente sobre a formação do caráter, mesmo tendo evoluído de forma independente e a partir de referências diferentes.

Este é um texto introdutório no qual tento relacionar os conceitos caracterológicos fundamentais de Lowen e Lake e formulá-los, ao mesmo tempo, em palavras menos ligadas à terminologia freudiana e mais próximas à etologia. É uma tentativa de olhar os seus trabalhos de um ponto de vista diferente, de fora do referencial psicanalítico.

Wilhelm Reich mostrou que caráter e postura corporal eram expressões unificadas de uma mesma energia metabólica básica subjacente. Existem quatro aspectos do metabolismo energético que podem ser considerados como essenciais para o crescimento e o desenvolvimento:

- a) FLUXO da energia ou a circulação da energia do centro para a periferia. O ritmo básico expansão e contração (pulsação), repousa nas bases da vida vegetativa. A natureza desta energia não é discutida aqui, mas é tratada no meu livro sobre

Reich e em vários textos publicados em *“Energy and Character”*. A sístole e a diástole do coração, os movimentos dos intestinos (peristalse) e o movimento *pulsátil* da respiração expressam este ritmo energético que é mediado pelo sistema nervoso autónomo. A polaridade emocional básica é a de expansão para alcançar o mundo (com prazer) e a contração para fora do mundo (em desprazer e ansiedade).

- b) NÍVEL da energia ou quantidade de CARGA. O nível de energia orgânica é aumentado através da respiração que carrega (dá carga) os fluidos corporais e o sangue, assim como por comidas oxidantes que alimentam a chama da vida. Qualquer atividade que promova uma respiração mais profunda ajuda a ampliar a carga energética. O nível de carga pode ser determinado por testes sanguíneos, por observações do campo energético (como no trabalho de John Pierrakos em Nova Iorque), ou pode ser avaliado subjetivamente.
- c) DIREÇÃO da energia ou troca (swing). Além do fluxo fundamental do centro para a periferia, Lowen (4) descreveu uma pulsação longitudinal dos centros energéticos no grande plexo do sistema nervoso vegetativo para as extremidades do corpo, onde a energia pode ser armazenada nos dois grandes reservatórios: o da bacia pélvica e o da cabeça. A direção dessa troca de energia pode ser para baixo, levando a uma descarga pelas pernas e genitais e recarregando pelos pés, através da função “grounding”; ou para cima, levando a carregar através da inspiração ou alimentação e a descarregar através da expressão de emoções e da linguagem (a função de emitir sons).
- d) CONTENÇÃO da energia ou qualidade dos limites do organismo. O sistema muscular atua como um retentor (*container*) e libertador de impulsos e o tónus muscular reflete o grau de tensão e relaxamento na passagem dos impulsos.

Cada um desses quatro aspetos do metabolismo energético é essencial para um desenvolvimento saudável. O crescimento, da dependência infantil à independência adulta, pode ser visto como uma passagem por quatro fases e cada uma destas fases está relacionada intimamente a uma das funções energéticas descritas acima.

PARTE II - O CICLO DA MATURAÇÃO E OS DIREITOS BÁSICOS

O amadurecimento do ser humano é um processo de passagem do maior período de dependência do reino animal para a independência. A criança é incapaz de ficar em pé durante a maior parte do primeiro ano de vida. Depois disso, uma vez que aprende a andar, inicia a sua longa jornada para a independência, jornada esta que só se completará a partir dos dezoito anos. O amadurecimento também é um conceito chave do pensamento de D.W.Winnicott (11). Existem quatro etapas fundamentais no amadurecimento de qualquer mamífero. As duas primeiras dizem respeito à dependência dos pais e as duas últimas dizem respeito ao movimento em direção à independência deles:

1. Crescimento no útero da mãe. Entre os primatas, em que o recém-nascido é menos capaz de tomar conta de si mesmo, a relação de unidade com a mãe da fase uterina continua após o nascimento, o filhote permanece agarrado ao corpo da mãe ou dependente da sua presença num processo chamado “vinculação” (attachment). A

experiência de Harlow com macacos mostrou que essa vinculação não se dá em primeiro lugar pela necessidade de alimentação, mas pela necessidade de conforto de pele e de contato visual. John Bowlby escreveu: *“Nenhuma forma de comportamento é acompanhada de sentimentos mais fortes que o comportamento de attachment”*. (12)

2. A criança também precisa de sustentação na forma de alimento, cuidados físicos e tudo o que entendemos por maternagem. Enquanto não tiver idade para se alimentar sozinha, sem depender da mãe, não sobreviverá se privada desse sustento. Os dois processos, o de vinculação e o de sustentação são distintos. A criança pode não ter cuidados suficientes de uma mãe à qual se sente vinculada e pode não se sentir vinculada à mãe que a provê de alimentos e segurança física mas não lhe dá calor.
3. A criança pequena precisa de oportunidades de exploração. Se os processos de vinculação e de sustentação foram bem estabelecidos, o seu afastamento da mãe para explorar o ambiente pode ser o primeiro passo para uma eventual independência. A brincadeira exploratória é a base na qual ela vai aprender as habilidades necessárias para prover o seu próprio sustento como adulto. Nos seres humanos, o êxito nessa fase é a base para a realização e satisfação no trabalho na fase adulta.
4. Há uma necessidade de estabelecer relação com outros do grupo social. Isso depende de uma comunicação satisfatória e da compreensão e interpretação de sinais corporais (e no caso do homem, de sinais verbais). As formas mais íntimas de comunicação são encontradas nos relacionamentos de casal. No caso do homem, reconhecemos que um dos sinais de maturidade é a capacidade de manter relações amorosas estáveis. Estes contatos levam à transferência da ligação com as figuras parentais e à formação de novas alianças (vínculos) que, por sua vez, podem tornar-se a base de um novo ciclo para a próxima geração.

ZONAS ERÓGENAS E ESTÁGIOS DA LÍBIDO

Existe uma correspondência entre estas quatro fases do amadurecimento e as fases libidinais de Freud. Historicamente os conflitos edípicos do período genital foram os primeiros a serem estudados por Freud. Eles estão relacionados a problemas na comunicação sexual. A segunda fase que Freud pesquisou foi a fase anal, em torno dos 2 anos de idade.

Reich e outros questionaram a existência de um estágio de desenvolvimento erótico-anal, mas se pensarmos na fase anal como o período aproximado em que a criança adquire o controlo motor sobre os esfíncteres e domina os rudimentos do andar, torna-se evidente que este é um período crucial do seu desenvolvimento. Este período está relacionado ao que eu chamo de fase da exploração.

Freud acreditava que a fase oral fosse o primeiro estágio do desenvolvimento. Há uma considerável discussão no clássico estudo sobre vinculação (attachment) de John Bowlby a respeito da sua visão de que muitos psicanalistas erraram ao tratar a fase oral como a mais elementar. No seu comentário, Bowlby diz que Melanie Klein mostra “através das suas formulações teóricas, uma tendência pronunciada de ser dominada pelos temas relacionados à comida, oralidade e seio materno”. Ele critica Erikson pela sua visão de que “a confiança básica, na qual ele coloca tanta ênfase, tem a sua origem na oralidade”. René Spitz é igualmente criticado por sustentar que “relações objetivas verdadeiras provêm da

necessidade de comida”. Bowlby considera que todos estes autores são “prisioneiros da teoria da oralidade” e superestimaram ou superenfatizaram a importância dos fatores orais em detrimento de outras características, no primeiro ano de vida e posteriormente.

Jerome Liss abre o capítulo “Why touch” (“Por que tocar”) de seu livro *New Therapies*, com a seguinte afirmação:

“Freud afirma que a alimentação oral é a relação mais crucial da criança com a sua mãe. Por esta razão, o primeiro período da vida é chamado de “fase oral”. Freud não estudou diretamente as crianças, mas baseou as suas descobertas no seu trabalho com pacientes adultos. Do ponto de vista do senso comum você não diria que Freud estava certo? Afinal, parece-me que a característica mais óbvia da criança pequena é chorar quando tem fome e demonstrar grande satisfação quando está alimentada.

No entanto, se examinarmos o trabalho experimental de Harlow da forma como foi apresentado no excelente e completo livro de Bowlby, *Attachment and Loss*, volume I, podemos ver que Freud estava decididamente errado. A vida emocional da criança não é tão afetada por uma alimentação periódica quanto o é pela disponibilidade de toque. O trabalho experimental de Harlow foi feito com bebês de macacos (Graças a Deus) e não há nada que possa indicar que os resultados não seriam válidos com bebês humanos.” (13)

Reich, Harlow, Bowlby e Suttie salientaram o papel crucial desempenhado pelo contato físico (de pele) e pelo contato visual na vida da criança, desde os primeiros dias. Elsworth Baker, seguindo a orientação de Reich descreveu uma quarta zona erógena e fase libidinal: a ocular que, apesar de coincidir no tempo com a fase oral, é ainda mais importante.

“Com exceção das sensações corporais gerais, a zona ocular é a primeira de contato específico da criança com o ambiente. Na realidade ela permanece como o meio de alcançar o que está mais distante. Os olhos são também a primeira área a ser traumatizada, quer pela aplicação de medicamentos quando do nascimento, quer por encontrar expressões frias, assustadoras ou de ódio. Expressões hostis implicam a negação de qualquer oportunidade de contato caloroso e compreensivo. O contato pleno, verdadeiro é vital para o desenvolvimento em geral. Promove uma sensação de aceitação e bem-estar e encoraja a expansão e o movimento em direção ao ambiente. É especialmente importante para um correto desenvolvimento dos órgãos do sentido que são todos derivados da pele ou do ectoderma. Normalmente, quando há um bom contato com a mãe, os olhos do bebê permanecem abertos, francos e curiosos, profundos, mas confiantes. Olhos saudáveis desenvolvem a visão binocular, que é a visão necessária para manter um bom contato com o ambiente e permitir uma integração adequada do indivíduo. Em outras palavras, o indivíduo pode colocar-se adequadamente no seu ambiente, vivenciar experiências prazerosas a partir deste ambiente, e corresponder à aceitação que ele encontra neste ambiente. A excitação dos olhos é sentida diretamente nos genitais como uma excitação prazerosa” (3)

As fases ocular e oral ocorrem portanto no mesmo período. Da mesma forma que as fases de vinculação e de sustentação são vistas como coexistentes. A ênfase dada por Reich e seus seguidores na primazia do contato entre a mãe e a criança sobre as características especiais da relação oral é totalmente coerente com as descobertas da etologia moderna.

PENSAMENTO BIOENERGÉTICO E EXISTENCIAL

Frank Lake desenvolveu um modelo de saúde mental, baseado na teologia existencial, envolvendo quatro componentes: um estado de “ser”, no qual a criança adquire o seu sentido de identidade através da experiência de contato com a mãe; um estado de “bem-estar”, no qual ela adquire a sensação de estar segura e de que tem o direito a apoio; um estado de “realização”, quando ela obtém satisfação no desenvolvimento das suas habilidades; e a aquisição de “status” pessoal, baseado em relações emocionais seguras com os outros. Esses quatro estados correspondem às quatro fases de maturação descritas por mim e que são, portanto, válidas mesmo sem o sabor cristão que Lake lhes dá.

Lowen (9) descreveu defesas de caráter em relação a cinco direitos primários que são violados por uma educação deficiente. Os direitos que ele descreve são:

- a) **“O direito de existir, que é estar no mundo como um organismo individual. Esse direito é geralmente estabelecido durante os primeiros meses de existência”.** Este direito está associado à oportunidade de estabelecer vínculo e está diretamente relacionado ao livre fluxo de energia e à primeira fase do ciclo de maturação. É a experiência de ser e ver.
- b) **“O direito de estar seguro, que deriva da função de suporte e de alimentação por parte da mãe durante os primeiros anos de vida.”** Este direito relaciona-se com a sensação de ser preenchido (charged) e ao período de sustentação. É a experiência de ter e saborear.
- c) **“O direito de ser livre, que é o direito de não ser submetido às necessidades do outro.**
- d) **“O direito de ser independente, que a criança adquire através da sua auto-afirmação e de sua oposição aos pais.”**

Os dois direitos anteriores estão associados com o ritmo (troca) livre da energia (que Lowen vê como a base da condução da realidade) e com a fase da exploração e os primeiros movimentos em direção à independência. Estes dois direitos envolvem a experiência do fazer e criar.

- e) **“O direito de desejar e de mover-se na direção da satisfação destes desejos de forma aberta e direta. Este direito tem um grande componente do ego e é o último dos direitos naturais a ser estabelecido. Eu relacionaria o seu surgimento e desenvolvimento ao período entre os 3 e 6 anos de idade, aproximadamente. Ele está fortemente ligado às primeiras sensações sexuais da criança”.** Este direito está claramente associado à liberdade de a criança comunicar os seus sentimentos de forma direta, sincera e franca, e eu o chamei de quarta fase de maturação (fase da comunicação). Depende ainda de um ajuste fino do tónus muscular e envolve a experiência de dar e receber.

Neurose é uma disfunção contraída sob uma tensão crónica. Essa tensão (stress) ocorre normalmente durante a infância quando a criança não tem meios de escapar dela com facilidade. Os animais não parecem propensos a tornarem-se neuróticos a não ser quando domesticados pelo homem ou aprisionados nos zoológicos.

A neurose é um colapso, uma falha nas condições de maturação e uma violação dos direitos básicos. As defesas de caráter são contra medidas desesperadas, destinadas a garantir a sobrevivência e a continuidade do crescimento através da reafirmação daqueles direitos por algum meio. Essas defesas permitem ao organismo um funcionamento limitado que sem elas, diante dos traumas sofridos, não seria possível. As defesas de caráter são operações de reordenamento, protetoras para com a vida.

As neuroses podem ser classificadas em quatro grupos, correspondendo às quatro fases do ciclo de maturação. Uma vez que a habilidade para explorar e para comunicar de forma satisfatória é baseada numa *vinculação* e numa sustentação adequadas, poderíamos supor que as neuroses associadas a bloqueios nas fases de *exploração* e *comunicação* possam depender de uma subestrutura de distúrbio, baseada em bloqueios nas fases de *vinculação* e *sustentação*. Isto é o que realmente achamos. É possível, apesar de não muito provável, que uma pessoa possa ter, basicamente, boas experiências nas primeiras duas fases e os maiores traumas ocorrerem durante as duas fases posteriores, no movimento em direção à independência. Em geral, qualquer pessoa tem probabilidade de manifestar algum grau de mau funcionamento em cada uma destas quatro áreas. As defesas de caráter são padrões universais de resposta. Elas são as cores da ferida. Cada pessoa tem a probabilidade de manifestar uma capacidade de funcionamento latente em cada uma destas áreas que, bem escondida, sobrevive sem danos. É esta capacidade latente que torna a terapia possível. É com a saúde do paciente que trabalhamos para superar a doença. Sem ela nos afogaríamos em patologia, porque nenhum terapeuta pode *trazer saúde* a uma pessoa que não ofereça nada além de resistência.

Agora estamos no ponto de olhar para algumas das diferenças entre as caracterologias propostas por Lake e por Lowen. Lowen distinguiu cinco principais padrões de defesa de caráter, dois encontram-se na primeira metade do ciclo de maturação e três dizem respeito à segunda metade do ciclo. Lake, por sua vez, dedicou-se, num primeiro momento, somente à primeira metade do ciclo e descreveu quatro padrões de caráter associados a este período. O seu trabalho é mais detalhado nesta área enquanto o de

Lowen detalha mais as últimas fases do ciclo. As duas caracterologias são complementares e coerentes entre si.

O esquema a seguir deixa isto claro e serve de base para o relato que segue.

Função Energética	Fase de Maturação	Direitos Básicos	Caracterologia de Lowen	Caracterologia de Lake	Zona Libidinal Associada
Fluxo	Vinculação (attachment)	Existir	Esquizóide	Esquizóide-histérico	Ocular
Carga	Sustentação	Estar seguro	Oral	Paranóico - depressivo	Oral
Ritmo (swing)	Exploração	Ser livre e independente	Psicopata-masoquista	Sado-masoquista, defesas	Anal
Tónus	Comunicação	Querer	Rígido	obsessivas, compulsivas e "queixosas"	Genital

PARTE III: VINCULAÇÃO E SEPARAÇÃO: A LUTA PELA IDENTIDADE

O direito básico deste período é o de existir, o de possuir um sentimento da sua própria identidade. A criança necessita de contato íntimo com a pele da mãe. Este contato forma a base do seu contato com o mundo. A necessidade de reconhecimento através do ato de ser tocada e olhada, de modo que possa viver a experiência de ser olhada, é absolutamente fundamental para um sentimento de identidade maduro. A criança precisa descobrir-se ao mesmo tempo que é descoberta. A mãe, que é capaz de deliciar-se com o seu bebé, sente a alegria recíproca de descobri-lo enquanto ele a descobre. Estes contatos de aproximação (conhecimento) são a base da personalização. A capacidade de formar relacionamentos amorosos, quando adulto, depende totalmente destes contatos. É dentro deste contexto, de estar envolvido pelos braços e na órbita da mãe, que a criança aprende a definir os próprios limites, aprende a encarar-se a si e a outro ser humano e obtém o sentimento de ter um lugar no mundo.

A ameaça básica à vinculação é a aniquilação através de desvinculação e separação. A criança que for privada destas experiências essenciais de contato vive com um sentimento básico insuportável de medo e desespero. Esta é a agonia da *posição esquizóide* básica: a sensação de abandono, de desolação, de estar congelado e ausente do mundo. O grau de severidade da tensão (*stress*) determina qual das duas reações dominantes de caráter (a esta posição) se desenvolverá como forma de lidar com o intolerável, a fim de sobreviver sem enlouquecer. Pavlov introduziu o conceito de *stress trans-marginal* que foi adaptado por Lake para descrever o deslocamento entre os dois padrões de reação de caráter muito contrastantes: a defesa esquizóide e a defesa histérica. Ambos se originam da tentativa de se lidar com o medo. A essência do conceito de *trans-marginal stressing* é de que uma resposta que seja adequada a um determinado nível de *stress* poderá, eventualmente, tornar-se inadequada quando a margem de tolerância ou limite de *stress* for ultrapassado. Neste momento, um tipo oposto de *stress* poderá manifestar-se.

Tomemos como exemplo a resposta a um *stress* físico de frio extremo. As respostas iniciais incluem tremores que ativam a musculatura para aquecer o corpo e o indivíduo pode deliberadamente mover-se com mais vigor para reagir ao frio, e tentar desesperadamente a fuga para um lugar mais quente. Podemos descrever as suas progressivas tentativas de fugir do frio como um pavor, um pânico crescente em busca do calor. Se o *stress* for muito intenso vai chegar a um ponto (limiar) em que a pessoa submetida ao frio, passa a ficar perturbada por ele. As suas faculdades tornam-se menos ativas, o seu corpo fica entorpecido, dormente e congelado perifericamente. No primeiro estágio do *stress* em busca do aquecimento, o fogo e o calor são fontes de grande atração. Mas para uma pessoa que se adaptou ao frio, a proximidade do calor pode causar uma dor aguda no momento em que começar a descongelar. Uma parte da resposta desta pessoa que se adaptou ao frio pode portanto incluir um afastamento do calor.

Este exemplo pretende criar uma analogia para respostas ao frio emocional que bloqueia a vinculação da criança. A defesa de caráter esquizóide é uma resposta a um nível mais profundo de *stress* do que a defesa histérica, e embora estas duas formas de defesa sejam em muitos aspectos opostas, ambas são tentativas de superar o mesmo tipo de ameaça. A

pessoa esquizóide vivencia o medo da “não existência” e da rejeição como um terror agudo diante do qual ela congela, paralisando e fragmentando de muitas das suas funções. A pessoa histérica vivencia este medo como uma espécie de dor aguda da qual ela foge¹. A despersonalização é a experiência que origina os dois padrões de caráter uma vez que, não ser uma pessoa com os seus próprios direitos é a base para a situação de medo. Enquanto o caráter esquizóide aprendeu a viver com esta despersonalização e a usá-la como uma proteção contra um *stress* ulterior proveniente das pessoas (uma forma de adaptação ao frio), o histérico foge da despersonalização. Todas as suas defesas são construídas no sentido de evitá-la.

IDENTIDADE FUNCIONAL & ANTÍTESE

Frank Lake dedicou sete páginas do seu livro *Clinical Theology* (6) a um resumo dos contrastes entre as reações esquizóides e histéricas. Selecionei alguns destes contrastes que ilustram o conceito de Reich de identidade funcional e antítese.

REAÇÃO HISTÉRICA

Reação ao terror em direção às pessoas e ao mundo.

Extroversão e defesa através do apego a pessoas e objetos.

“Ansiedade de separação”; fica ansioso quando não tem a atenção dos outros.

Grande necessidade de toque; necessita ser agarrado e abraçado.

Gosta de movimentos largos, ostensivos e efusivos.

Super comunicativo; necessita ter uma vida social intensa.

Quando sofre cria uma plateia.

Supre qualquer necessidade indo ao encontro de pessoas.

Excitação e prazer pela publicidade.

Deixar algo para trás é como uma pequena morte.

Os sentimentos tendem a ser explosivos.

Necessidade compulsiva de ser notado. As roupas são usadas para atrair olhares e para mostrar-se mais jovem.

REAÇÃO ESQUIZÓIDE

Reação ao terror para longe das pessoas e do mundo material.

“Ansiedade de compromisso”; fica ansioso quando é o centro de atenção.

Introversão e defesa através do desapego a pessoas e objetos.

Timidez em relação ao toque; não aguenta ser abraçado ou apertado.

Os seus movimentos expressam defesa, retraimento, abraçando-se a si mesmo.

Pouco comunicativo; necessita de muito espaço vazio seguro.

Sai furtivamente para sofrer em silêncio.

Supre as necessidades internas com livros ou atividades mentais e de reflexão.

Apavorado pela publicidade; adora a privacidade.

Deixar algo para trás é como um novo começo de vida.

Os sentimentos tendem a ser implosivos.

Necessidade compulsiva de não atrair a atenção. As roupas são usadas para negar o sexo e dar uma impressão de mais idade.

¹ Charles Rycroft chama a isto de defesa “fóbica” (14)

OLHAR E VER

Elsworth Baker estabeleceu uma distinção entre o caráter “ocular reprimido”, que corresponde à defesa esquizóide, e o caráter “ocular insatisfeito”. O seu único exemplo desta última categoria é o do “voyeur”. O “voyeur”, entretanto, pode ser considerado como um caso especial da necessidade histórica de agarrar-se ao contato. Como as aproximações sexuais mais diretas estão muito reprimidas, o voyeur agarra com os olhos. A julgar pela grande venda de revistas de nudismo, a tendência ao voyeurismo é muito comum. A fantasia libidinal é descrita por Lake como inerente ao desejo da posição histórica:

“O bem real e pessoal que flui em abundância do corpo materno, os seus seios plenos, os seus braços suaves e arredondados, o seu toque macio, os seus cheiros excitantes, perdeu tudo isso. Mas jamais se conforma com a perda. É uma fixação. A sua mente possui galerias com imagens destes objetos por demais desejados. Está sempre aberta ao solitário a possibilidade de percorrer a sua galeria particular. Enquanto anda pelas ruas, vai projetando, quase inconscientemente estas imagens à sua frente. Os seus olhos, como os olhos de alguns insetos, parecem estar nas extremidades de longas antenas, tão sensíveis que são a presença de uma de suas formas favoritas, mesmo a longa distância.”

Enquanto o verdadeiro histórico pode encontrar meios de obter o contato físico que tanto anseia, o voyeur tem que se contentar em tocar os objetos da sua fantasia somente com os olhos. Se a garota da fotografia está a olhar para ele, ele sente a aceitação de que necessita. Já o contato visual real é muito carregado de energia para que ele se sinta confortável. (Como seria embaraçoso para um voyeur olhar por um buraco de fechadura e dar com outro olho olhando para ele!) O significado do voyeurismo na nossa cultura foi claramente descrito por John Berger que em seu livro *Ways of Seeing* mostra como este tipo de olhar transforma pessoas em objetos:

“Estar despido é ser você mesmo. Estar nu é ser visto despido pelos outros sem no entanto ser reconhecido como você mesmo. Um corpo despido tem que ser visto como um objeto para que se torne um nu. A visão do corpo como um objeto estimula o seu uso como tal. A nudez revela-se, é colocada em exposição. Estar despido é estar sem disfarces, em exposição. É transformar a superfície da própria pele, os pelos do corpo, num disfarce que nesta situação não pode ser descartado. O nu está condenado a nunca estar despido. A nudez é uma forma de vestir.” (15)

Se o exibicionismo não é reprimido, o histórico identifica-se com este disfarce. Assim o contato superficial compensa a falta de contato profundo e a ausência de um verdadeiro reconhecimento (da mesma maneira que a atividade sexual superficial pode tornar-se uma defesa contra um sentimento sexual profundo).

Portanto, enquanto o indivíduo esquizóide desenvolve uma “visão interna”: pode ver, mas não olha e não suporta ser olhado, o histórico desenvolve a “visão externa”: pode olhar, mas não vê.

DOIS TIPOS DE RUPTURA (CISÃO)

A experiência básica que permeia tanto a posição esquizóide quanto a histérica é a da ruptura (ou fragmentação).

A pessoa esquizóide viveu esta ruptura pelo congelamento: a sua mãe é uma pessoa fria e odiosa, com o ódio disfarçado e profundamente reprimido. O indivíduo histérico sofreu a ruptura por iluminação, a mãe é quente e raivosa, com a raiva muitas vezes manifesta. Ela pode olhar para o bebé como se o olhar pudesse matar.

As defesas histérica e esquizóide são o avesso uma da outra. Poderíamos dizer que a pessoa histérica é como fogo. Ela tem uma defesa de carácter em chamas para combater o gelo existente no seu ventre e no seu coração. A palavra grega “histeron” significa ventre, útero. Existia uma teoria que atribuía a “histeria” a uma sufocação do útero pela retenção do espírito animal que deveria ter sido liberado durante a relação sexual. A pessoa histérica coloca toda a sua energia numa tentativa desesperada de preservar a vida e a juventude, contra a sensação interna da morte que provém do terror esquizóide. A pessoa esquizóide, por sua vez, é como gelo. Tem uma periferia gelada que atua como uma barreira, atrás da qual pode cuidar do calor que ainda lhe resta. ²Sob a parede de gelo do esquizóide existe, muitas vezes, uma natureza ardente e passional, aterrorizada pela possibilidade de ser extinta ou de se transformar numa explosão de raiva.

Vem daí o facto de, os pesadelos típicos dos indivíduos esquizóides serem sobre desertos gelados e regiões árticas, morte por congelamento ou extinção lenta, enquanto os pesadelos típicos do histérico incluem bombas atómicas e explosões, morte por queimadura ou catástrofes súbitas.

O progresso para as pessoas históricas significa ajudá-las a enfrentar a morte por solidão e abandono, da qual tanto fogem; enquanto o progresso para o esquizóide significa ajudá-lo a construir os canais de contato através dos quais as suas calorosas forças vitais possam fluir. Na medida em que ele melhora, pode vir a parecer mais histérico. Para pessoas nestas duas situações de carácter, a terapia torna-se uma questão existencial, lida-se com a terapia da existência uma vez que o trauma atinge as raízes da existência.

FUGA HISTÉRICA

Se este relato do problema histérico básico estiver correto, como é possível que a histeria seja geralmente descrita como um problema edípico e o carácter histérico ser descrito por Lowen como pertencente à categoria rígida? O facto é que todas as neuroses rígidas podem ter raízes na posição esquizóide, como Lowen demonstrou no seu livro *O Corpo Traído*. Os conflitos genitais da pessoa histérica na sua forma de lidar com limites foram descritos por inúmeros autores. O histérico geralmente sofreu uma dupla decepção: é a rejeição por parte do pai, o que produz uma mistura de raiva bloqueada pelo desejo e de desejo bloqueado pela raiva, que Lowen descreve brilhantemente. Esta rejeição é corroborada pela desesperada necessidade de escapar de uma mãe que não satisfaz e encontrar uma figura de vinculação mais confiável. O bloqueio histérico em relação à comunicação sexual - tema que será aprofundado mais adiante - está apoiado, por sua vez, numa subestrutura de sofrimentos quanto à confiança básica e à contenção.

² Comparada a noção de “self verdadeiro em congelador” de Winnicott

“Quando a necessidade de uma criança quanto à intimidade, contato corporal e gratificação oral erótica não é satisfeita nos primeiros anos de vida” escreve Lowen “essas necessidades são transferidas para as sensações sexuais que se desenvolvem durante a fase edípica. O apego sexual ao progenitor do sexo oposto é carregado do desejo infantil por intimidade não satisfeito.”

A pessoa histérica é empurrada para a sexualidade por duas forças: o impulso em direção ao contato com um homem que possa proporcionar o calor e a segurança de que necessita, e por uma fuga da angústia e da aflição que a atormentam. Estes impulsos são conflitantes entre si. Comprometer o seu coração num relacionamento é colocar-se nas mãos de alguém que poderá abandoná-la e assim reforçar o sofrimento. Embora o contato físico seja desejado, uma relação mais profunda envolve riscos enormes. Na escuridão da noite quando a ansiedade do orgasmo está no seu ponto máximo - representando, como dizia Reich, *um medo da morte e da dissolução da identidade* - quando a histérica está fechada (trancada) a um contato profundo com o homem no qual ela buscou conforto, quem poderá consolá-la?

A pessoa histérica vive num campo de batalha entre o fogo e o gelo. Se ela se volta com muita força contra os seus próprios impulsos vitais e as suas necessidades de contato, (como fizeram as reprimidas moças vienenses de quem Freud tratou no seu período clássico) o gelo passa a dominar. Áreas inteiras do corpo podem tornar-se energeticamente imobilizadas, contraídas, para suprimir sensações e produzir anestésias históricas ou para obliterar movimentos e produzir paralisias históricas. Como Lowen afirma, numa época em que a expressão da sexualidade periférica é menos condenada socialmente (e pode até ser socialmente aprovada) estes sintomas de conversão são menos frequentes. Mas a histérica que não se reprime daquelas maneiras, pode permanecer em constante tormento. O seu corpo, se não estiver entorpecido na passividade pelas reações de conversão, está protestando ativamente.

Nos julgamentos das bruxas de Salém, os sofrimentos e as dores da angústia histérica eram atribuídas ao diabo. Se as jovens não projetassem a sua angústia e confessassem a sua relação com o demónio seriam, provavelmente, queimadas como bruxas. Qualquer um que tenha testemunhado a intensidade da angústia primal, quando ela finalmente emerge na terapia pode ser perdoado por pensar que a pessoa histérica está possuída por demónios. Algumas vezes o corpo parece, literalmente, estar a contorcer-se nas suas próprias chamas. Se esses graves sintomas autónomos forem reprimidos, como normalmente o são - pois toda a neurose histérica é uma tentativa de escapar deles e de socializar as suas energias de pânico - pode-se encontrar o medo e o terror que contêm, projetado em fobias de algo do mundo exterior, aranhas ou carros, por exemplo, que passam a constituir uma fonte de ameaças. O medo e o pânico que alimentam a histeria podem estar mais estritamente contidos nas fobias, embora muitas vezes possam voltar com força total em pesadelos sobre explosões ou desastres.

“O medo maior” escreve Lake, “está vinculado a qualquer movimento que leve a pessoa assustada a um passo além do lugar onde quem lhe dá atenção está ou estará, ou qualquer situação que reduza o movimento em direção a lugares seguros. Quando experiências de pessoas saudáveis não são possíveis, a criança recorre a ajuda da fantasia e estabelece, na imaginação, uma relação com objetos-parciais no seu próprio corpo, no corpo de outra

peessoa ou associados ao desejo por pessoas. Essa disfunção de movimento pode, num segundo plano, vincular-se a objetos. Com certos objetos, que Laughlin sensatamente chamou de “soteria”, existe uma vinculação passional. Separar-se deles desperta um medo irracional ou fobia. Outros objetos estão associados com experiências infantis de medo e estes se tornam indiretamente o centro da reação fóbica. Se estes objetos temidos surgirem no ambiente, o paciente tenta fugir deles e, se isso não for possível, fica encurralado no lugar em pânico.”

“Soteria” são aquelas fontes de conforto que protegem o indivíduo do pânico; abraçar um ursinho ou um bichinho de pelúcia pode acalmar o medo noturno. O adulto histérico, para quem as figuras de conforto da infância se tornaram fontes de dor ou ausência, pode voltar-se para o corpo do seu amante, ou parte dele, em busca deste tipo de proteção. O pênis do homem pode tornar-se um objeto “sotérico” ao qual a pessoa pode agarrar-se como a um talismã para afastar o medo. Mas se o talismã não funcionar e o pesadelo histérico persistir, continua a busca por uma fonte de contato mais gratificante. O que a histérica precisa, mais do que qualquer coisa, para escapar desta armadilha, são pessoas confiáveis com quem ela possa trabalhar e que possam supri-la de contato, calor e aconchego de forma a ajudá-la a enfrentar o medo do qual ela passou a vida tentando fugir. Este não é o momento de descrever as dificuldades e as recompensas de uma relação terapêutica com uma histérica.

A PARALISIA ESQUIZÓIDE

O pesadelo implosivo da pessoa esquizóide está preso à paralisia que Lake chamou de “ruptura tripartite”. Existe uma cisão entre o corpo e a mente, de modo que a pessoa esquizóide vive na sombra da despersonalização, que o histérico, na maior parte das vezes, consegue evitar. Existe uma ruptura dentro do organismo entre o terror que congela e aprisiona a energia, reprimindo as sensações vitais numa estrutura corporal implodida e contraída, e a raiva que procura sair destrutivamente e explosivamente, mas é refreada pelo terror. E existe uma cisão entre o self e o mundo exterior, o que leva a um conjunto de relações do tipo “como se”. A defesa esquizóide específica contra o isolamento do “deserto gelado sem contato” que é a sua primeira experiência do mundo, pode tomar diversas formas.

A despersonalização esquizóide leva-nos a, no mínimo, três deformações de auto-imagem características: o “santo”, o “demônio” e o “robô”. A “imagem santa” na posição esquizóide situa-se no limiar da identificação mística. Este indivíduo neutraliza a apatia e a monotonia da vida neste mundo com a esperança ativa de uma vida melhor além da morte. O santo tem um corpo fantasmagórico, drenado de sangue quente; a espiritualidade e a sensibilidade sobrevivem numa forma parcialmente descorporificada (desencarnada). Ele é capaz de influenciar pessoas por meios indiretos, tais como a telepatia. Desta maneira, pode fazer o bem ao mundo. Os ideais elevados e as boas intenções do esquizóide santo dão-lhe algum auto-respeito para enfrentar a desesperada sensação de “não ser”. De certa forma, o esquizóide vive como além da morte. Ele age como se o seu corpo estivesse parcialmente morto, e é assim que ele se sente, como se tivesse uma existência além do corpo. Muitos dos grandes místicos têm uma raiz esquizóide subjacente neste tipo de

defesa, não querendo com isso diminuir o valor de seus misticismos. A intenção é de mostrar as qualidades de desmaterialização neles existentes.

O santo só pode manter a sua existência, negando a imagem demoníaca que também aflige o paciente esquizóide. Infelizmente, o divino e o diabólico são duas faces da mesma moeda. Espíritos e demónios habitam o mesmo pesadelo. Paixões reprimidas e raivas que fervem muito abaixo da superfície na estrutura corporal esquizóide podem entrar em erupção de vez em quando, através de fendas do caráter gelado, de forma que a pessoa esquizóide fique propensa a sentimentos malignos, pensamentos diabólicos e explosões demoníacas. Se os impulsos demoníacos forem completamente realizados na vida, estaremos a lidar com o “frenesim assassino” de um esquizóide psicopata a explodir como um vulcão, atravessando a fronteira do “como se” para a realidade. Na maior parte das vezes, o lado demoníaco não é expresso, mas ronda a consciência da pessoa esquizóide na fantasia. Desde o início do período de abertura na censura nas artes, temos tido a oportunidade de assistir a muitos exemplos de fantasias esquizóides demoníacas expressas em palcos e telas, apesar de não caber aqui discutir se a censura é desejável ou não. Muitas vezes, o demoníaco está escondido e é expresso de forma parcial, como descreveu Lowen no seu capítulo sobre demónios e monstros. Expressões demoníacas deste tipo podem ser a base para ataques persecutórios na criança, disfarçados por intenções angelicais “ veja Schatzman. (16)

Uma terceira, e muito comum, imagem e estrutura corporal esquizóide é a do robô. O robô é um homem mecânico, sem sentimentos aparentes, que achou a sua forma de funcionar no mundo sem carne e sem sangue. Muitas pessoas esquizóides são fascinadas por máquinas, computadores e aparelhos electrónicos (apesar de que se eles também apresentarem tendências paranóicas estes aparelhos podem aparecer como objetos persecutórios). Numa super valorização dos processos intelectuais e de inteligências superiores, que são encontrados neste tipo de defesa, existe uma tentativa de competir com a certeza compulsiva e a superioridade do computador. Os sentimentos podem estar submersos, o corpo pode ser mecânico, mas durante uma vida de pensamentos frios e calculistas ainda se pode manter uma ténue identidade para contrabalançar o escuro redemoinho da não existência que está diante dos pés do esquizóide se ele ousar olhar para baixo.

“Num seminário clínico no meu consultório” escreveu Lowen “ foi apresentado um rapaz, cuja aparência física lembrava muito a figura do monstro Frankenstein. Tinha o mesmo andar duro e mecânico, ombros quadrados, olhos profundos e sem vida, e a mesma expressão facial do monstro do cinema.” Entretanto, sob este exterior de robô, existia uma “criança delicada e amedrontada que de alguma forma desenvolveu uma aparência insólita para se defender de um mundo insensível”.

Eu não deveria dizer aqui qualquer coisa sobre o tratamento de pacientes esquizóides. Construir uma ponte que possibilite a volta ao calor não é fácil, mas tanto Lowen quanto Lake descreveram a energia que a pessoa esquizóide trará para suportar a sua auto cura, uma vez que reconheça no terapeuta uma preocupação genuína e humildade no seu esforço para ajudar. De certo modo, o indivíduo esquizóide é mais facilmente acessível do que alguns dos padrões neuróticos mais densamente estabelecidos, uma vez que ele está mais próximo do seu dilema. Alguns aspectos do tratamento de pessoas esquizóides

estão também descritos no meu artigo “The Divided Body” (O Corpo Dividido), publicado numa edição da revista *Energy and Character* que recebeu diversas outras contribuições a respeito do problema esquizóide (17).

PARTE IV: SUSTENTAÇÃO E PRIVAÇÃO: A LUTA PELA NUTRIÇÃO

Uma criança adquire a sua sensação de ser, a sua identidade e a noção da sua natureza humana das suas experiências de vinculação durante, aproximadamente, o primeiro ano de vida. Durante este período também é totalmente dependente da mãe no que se refere a cuidados, alimentos e suprimentos orais. Uma boa mãe não só confirma ao bebé a sua identidade através do toque e do olhar, mas também o mantém com o leite do seu corpo ou algo que o substitua. Na fase da vinculação, a ênfase está na função de “conter” que a mãe exerce com os seus braços e com o contato visual, o que reforça a sensação do abraço do útero. Ao ser nutrido, o bebé passa a ser o contentor (recipiente) e a mãe o conteúdo, uma vez que ele a bebe, ou bebe o que ela lhe oferece ou introduz no seu corpo. Os problemas desta relação estão ligados ao sabor que o mundo tem, à sensação interna de bem-estar.

“Tem que haver um processo de aprendizagem”, escreve Bjorn Christiansen (18), “para que mamar seja totalmente gratificante. Se o processo de aprendizagem não acontece, tanto devido ao facto de o leite ser insuficiente, ou de a criança ser forçada a ingerir uma quantidade de leite maior do que o seu sistema digestivo aceita, ou da alimentação se dar em horários rígidos fora do compasso do ritmo do bebé, ou ainda se a amamentação se der numa atmosfera agitada, de irritação e rejeição, podemos deparar-nos com várias possibilidades. Uma destas possibilidades é a de que a reação de mamar continue a se impor de diferentes maneiras. Existe também a possibilidade de que a situação de constante falta de gratificação venha a dar origem a mudanças posturais no bebé, evitem as suas repetidas frustrações.” Christiansen continua a distinguir entre o bebé que “parece estar sempre com fome e fica desperto na hora em que é alimentado” e outros que parecem “nunca ter fome e são facilmente perturbados quando alimentados”.

Uma criança na situação vulnerável da amamentação pode ser exposta a vários graus de tensão (stress). No caso de alimentação com biberão, o leite pode estar quente ou frio demais, ou com a mistura errada. Ser alimentada no peito e o leite estar a escorrer de forma a ficar ralo, ou ainda ter um gosto mau. Tanto no caso de ser privado do alimento correto quanto no caso de ser completamente invadido por alimentos inadequados, a alimentação pode, ao invés de ser uma fonte de sustentação, se transformar em sofrimento. *“Muita gente que defende efusivamente a amamentação com biberão”* escreve Bevan-Browne (19), “ficaria espantada e horrorizada se pudesse presenciar uma sessão psiquiátrica em que o paciente, sob tratamento, reproduz sentimentos e impressões de terror ao ser perseguido e atacado com uma terrível arma que irá subjugar-lo, perfurá-lo ou até matá-lo. Este processo é executado com a melhor das intenções pela mãe, ou sua substituta, que está convencida de que o bebé precisa de alimento e que sua tarefa é introduzir à força o seio na sua boca a qualquer custo, o bebé resistindo ou não.”

O alimento é essencial à vida, mas poucas coisas causam mais revolta do que ser

alimentado à força. Prisioneiros adultos em greve de fome que são alimentados à força relatam que esta é uma das experiências mais traumáticas a que foram submetidos e que provoca vômitos, desarranjos intestinais e grande mal-estar. Quão horrível deve ser esta experiência para um bebê que está a aprender como beber no mundo e cuja sensação de bem-estar ou mal-estar provém da situação de alimentação? O trabalho das Boysen (20) - Gerda e Mona-Lisa - mostrou como são básicos os movimentos peristálticos do aparelho intestinal para a sensação de doçura na vida futura. O trauma básico, se a função de nutrição é perturbada, é que a vida tenha um sabor no mínimo azedo, e que na pior das hipóteses você queira vomitar tudo aquilo que recebeu como se fosse veneno. A experiência de ser envenenado ou perseguido pelo vazio é a experiência básica da posição paranóide. As funções que nutrem (de carga): respirar, comer e dormir estão todas enfraquecidas. A ameaça básica, quer por privação dos alimentos, quer por contaminação, é de esgotamento e exaustão, de ter seu sangue vital drenado.

É assim que uma das pacientes de Lake aliviou o seu trauma de má nutrição:

“Eu pude sentir-me como um bebê (há longas pausas entre frases curtas, a sua língua move-se com ruídos pegajosos numa boca seca. De tempos em tempos ela faz sons de sucção). Eu não posso falar com sentido. Eu só posso ver imagens e sentir com a minha boca. A sensação é de que isso me vai engasgar, sufocar. Mastigar e não conseguir respirar. Como se eu não ousasse parar de mastigar para respirar. Esta sensação volta a ser essencialmente física. Estar confinada à sua boca e às suas sensações (apontando com a sua mão a área genital) aqui...sinto uma grande fome. Sinto um gosto enjoativo como de leite azedo, como leite regurgitado. É venenoso. Detesto ser só apetite. Você foi levado a uma tamanha desolação interior que tudo o que resta de você é o físico.

Por muito tempo as minhas mãos estiveram no ar, como uma criança ansiando pelo seio da minha mãe, sem obter nada. Então eu desisti. Eu senti-me completamente vazia e com um gosto indescritível, um gosto insonso, não amargo, mas enjoativo. A minha boca está seca como pó, a trabalhar o tempo todo. Parece muito óbvio para ser dito. Todo o meu corpo parece vazio e procura, Tateando. Tudo isso é ridículo. Eu devo ter sido alimentada. Eu tenho imagens do corpo da minha mãe como seios mortos e murchos. A minha boca cresceu e ficou inchada e senti-me como se fosse toda desejo. É uma sensação horrível e sufocante. As fontes da vida tornaram-se amargas para mim. Ontem, em algum lugar, havia água fluindo, e parecia estar escorrendo das mais profundas fontes do meu ser. Sempre que eu penso nos seios da minha mãe sinto náusea...Eu sinto-me com as bochechas estufadas como um bebê, e é um gosto horrível. Estou a tentar mamar o tempo todo e é uma sensação revoltante. Eu tento sugar, mas fica cada vez mais seco. Uma sensação física absolutamente nauseante - um seio vazio, todo murcho como o seio de minha mãe quando ela estava morrendo”

HORROR E AVERSÃO

Se a experiência original esquizóide é o terror da perda da sensação de ser, a experiência básica paranóide é a do horror da perda da sensação de bem-estar. O horror de estar nauseado é ligado a aversão, como Darwin (21) demonstrou:

“A julgar pelas imagens, frequentemente o corpo todo está torcido, ou encolhido; ou os braços são violentamente lançados para a frente como que a empurrar algum objeto ameaçador. O gesto mais frequente é o levantar de ambos os ombros, com os braços cruzados pressionados contra os lados ou contra o peito. Estes movimentos parecem-se com os que normalmente fazemos quando sentimos frio e são geralmente acompanhados por um tremor, bem como por uma profunda expiração ou inspiração, dependendo se o peito estiver expandido ou contraído no momento. Os sons emitidos podem ser expressos por palavras como uh ou ugh. Entretanto não é óbvio porque, quando sentimos frio ou expressamos a sensação de horror, pressionamos os nossos braços cruzados sobre os nossos corpos, levantamos os nossos ombros e trememos.”

A explicação de Darwin sobre a aversão é também muito semelhante:

“Quando a sensação de aversão surge em conexão com o ato de comer ou degustar, é natural que a sua expressão deva consistir principalmente em movimentos em torno da boca. Mas a aversão é geralmente acompanhada de gestos semelhantes aos de afastar ou se defender do objeto ofensivo. No que diz respeito à face, a aversão moderada é demonstrada de várias formas: pela boca largamente aberta como se para por para fora um bocado repugnante de comida, cuspiendo, soprando com os lábios salientes, ou pelo som de pigarrear. Tais sons guturais podem ser escritos: ach ou ugh e a sua expressão é muitas vezes acompanhada de um tremor ou arrepio, os braços pressionados ao lado do corpo e os ombros levantados da mesma forma como quando o horror é experimentado. A aversão extrema é expressa por movimentos em torno da boca idênticos a aqueles preparatórios ao ato de vomitar. “

A horrível experiência de estar nauseado diante da fonte de nutrição pode ocorrer também se uma criança é obrigada a digerir experiências ou a engolir maus sentimentos de outras pessoas. Por que um filme de horror é chamado de filme de horror e não de filme de terror? Porque é que os vampiros que se alimentam de carne humana, que é nauseante, têm tanto destaque em filmes de horror? Conheci uma mulher que, quando criança teve a experiência de assistir o seu pai levar a sua mãe à loucura. A experiência contaminou-a e teve muito a ver com a sua tendência paranóide.

O regime opressivo que o Dr. Schreber, um proeminente médico vienense, criou para o seu filho consistia numa série de medidas restritivas que foram descritas de forma implacável por Morton Schatzman. Aqui podem ser vistas as relações dos métodos opressivos com as medidas de purificação. Purificando o seu filho, ele tenta evitar a sensação da sua própria contaminação. No final, a sensação de contaminação se transforma em sentimento paranóide no filho.

“O método do Dr. Schreber de ensinar a auto negação a um bebê, consiste em estabelecer uma hierarquia na qual exerce o seu poder sobre a ama para que ela exerça o seu sobre o bebê... O pai especifica detalhadamente o que as crianças, a partir dos sete anos, devem ou não comer e beber a cada refeição, o que eles jamais deverão comer ou beber, quando eles têm ou não permissão para beber água e com que frequência e a que horas se devem dar as refeições.” As justificativas dadas incluem “evitar um estômago mimado” e a obtenção de “força total” através do sistema digestivo.

À primeira manifestação de qualquer desejo ou aversão pelo sabor de algum alimento em particular, Dr. Schreber recomenda *“não se deve ceder, não se deve dar à criança nem uma porção de qualquer outro alimento enquanto ela não tiver ingerido todo o alimento recusado.”*

“O pai” explica Schatzman, “exige que uma criança desobedeça ao seu próprio desejo natural de comer...para ir ao encontro das exigências do método paterno. A criança deveria aprender a esquecer e ao esquecer ela estará ignorando todos os sinais de fome (e alguns de saciedade) do seu sistema digestivo. Efetivamente teria que esquecer, especialmente entre as refeições, que tem um estômago.” (16)

A crença do Dr. Schreber é de que recusar comida é uma forma de sufocar a “destilação do veneno da alma”. A fome das emoções a que se opunha foi descrita por ele como o *“tratamento suave”*. Schatzman alega que o pai está a tentar erradicar os seus próprios “pontos podres”. Infelizmente não temos informações sobre a sua contaminação ou carência quando criança, problema que ele tenta neutralizar através da educação do seu filho.

Alexander Lowen descreveu o caso de Aldo, um comedor compulsivo com uma personalidade paranóica. A mãe de Aldo era *“preocupada com as funções do canal alimentar. O sucesso de um dia era medido pela quantidade de comida que ele consumia e pela regularidade do funcionamento de seu intestino. Se ele ficava constipado por um dia, ele recebia um clister. Com efeito, o seu corpo era violentado pela sua mãe em ambas as extremidades.” (7)*

Comer compulsivamente é relacionado por Lowen com o comportamento paranóide. *“O comedor compulsivo expressa os seus sentimentos de frustração, raiva e culpa comendo excessivamente. Comer em excesso serve para reduzir o seu sentimento de frustração, expressar a sua raiva e focar a sua culpa. Comer e devorar são modos infantis de expressar agressividade. O ato de comer compulsiva e excessivamente são formas de literalmente eliminar ou destruir a comida, símbolo da mãe”*.

A pior coisa que a mãe de Aldo lhe poderia ter feito era “expor os seus seios para mim. É repulsivo”. Ao mesmo tempo Aldo sentiu: *“eu não mereço prazer porque sou mau. Existe muito ódio em mim”*. (7)

A DEFESA PARANÓIDE

A consciência do horror ao seio materno quando criança (expressa numa longa citação de Frank Lake mencionada anteriormente) é normalmente bloqueada da consciência, pois é ela, a náusea da posição paranóide, que exige muita coragem para ser enfrentada enquanto a defesa paranóide projeta a sensação de estar a ser perseguido por figuras no ambiente em movimento, e evita a humilhante sensação de fraqueza e vazio com a ilusão paranóide de grandeza. Da mesma forma que o comilão compulsivo absorve parte da raiva e infla o corpo de forma a ser menos frágil e exposto à dor, o indivíduo paranóide quando pressente uma ameaça cria uma barreira que torna difícil (mas não impossível) aproximar-se dele.³ Seria interessante ouvir os comentários de John Pierrakos sobre os campos de energia de uma pessoa paranóide enfurecida. Percebi essa energia como se

³ Pode ser neste sentido que a reação repulsiva de horror, sugerida por Dick Mullins, é uma defesa contra o terror. (22)

fosse uma cerca elétrica formando um perímetro a algumas “jardas” do corpo, criada para neutralizar e repelir possíveis ataques ou invasões. A palavra horror tem origem em palavras relacionadas a “hirsuto”, “peludo”, “erichado”, e a animais como o lobo e o porco-espinho. Quando nós estremecemos, arrepiamo-nos. O pelo do lobo e as cerdas do porco-espinho ficam erichados para repelir um ataque. Nesse sentido, a defesa paranóide é ameaçadora, e o caráter paranóide é erichado e espetado como um cacto que precisa de armar barricadas para defender-se dos invasores que podem roubar-lhe o alimento. Num sistema paranóide plenamente desenvolvido, existe uma ilusão primária de forças persecutórias. Morton Schatzman dedicou-se, no seu livro inteiro, a demonstrar que as ilusões de perseguição devem ser levadas a sério. São o reflexo genuíno de eventos persecutórios reais, e é somente a compreensão de que a fonte da perseguição era alguém de quem precisávamos como fonte de sustento e bem-estar, que é tão dolorosa e não pode ser prontamente enfrentada exceto com o apoio de um terapeuta.

As alternativas que Aldo, o paciente de Lowen, encarou eram viver por sua força de vontade ou resignar-se. “Para ele, usar a sua força de vontade como se cada bocado de comida fosse uma questão de vida ou morte, teria transformado-o num monstro” escreve Lowen. “Ele necessita da sua vontade para sustentar a sua onipotência, pois quando a vontade vacilar ele poderá desabar em humilhação.”

“A dificuldade de Aldo estava na não-aceitação das alternativas que o seu problema apresenta: identificar-se com o seu corpo e com toda a sua conotação humilhante ou negar o corpo e escapar para o pensar paranóico. A primeira alternativa era intolerável, a segunda desastrosa. As sensações desagradáveis no seu corpo e a sua aparência nada atraente fizeram com que ele tentasse encontrar o seu valor pessoal na sua mente. No seu modo de ver o “nada” que representava o seu corpo, poderia ser compensado pela onipotência da sua mente, a contaminação do seu corpo pela pureza da sua mente. Através da vontade, o seu corpo rejeitado e desprezado passou a ser um mero instrumento de ação.”

“Existem duas maneiras de reagir a uma situação na qual o corpo é vivenciado como algo inaceitável. Uma maneira é amortecer o corpo, retirar-se para dentro da concha, e reduzir as atividades. A outra é retirar-se para cima, elevar-se acima do corpo através de uma super identificação com o ego e com a vontade. A segunda maneira é o mecanismo paranóide. Leva a ilusão de grandeza (megalomania); ideias de referência (as pessoas estão a falar de mim); e sensações de perseguição (as pessoas são hostis). A pessoa paranóide torna-se ‘furiosa’ (selvagem). Quando a sua energia sobe à cabeça o seu ego fica supercarregado (excesso de carga), a sua vontade torna-se uma força super-humana e o seu corpo torna-se capaz de ações normalmente impossíveis”. (7)

A alternativa a tornar-se furioso (selvagem) é “tornar-se morto”. Lowen relaciona este facto ao retraimento esquizóide; eu preferiria relacionar essa alternativa à defesa paranóide oferecida pela reação depressiva. Afinal em que reação de caráter encontramos a mais grave paralisia da vontade (tanto que o corpo se torna “incapaz até mesmo de ações que são normalmente possíveis”) se não no caráter depressivo?

Assim como os dois padrões de reações primárias à ameaça da não existência, na fase da vinculação, são o inverso um do outro, também as reações paranóide e depressiva

são antíteses, mesmo tendo a má nutrição como raiz. Enquanto a pessoa paranóide tenta cuspir fora o gosto ruim e culpa o mundo pela maldade que ele procura negar em si mesmo, a pessoa depressiva identifica-se com o gosto ruim e culpa tanto o seu próprio corpo como a si mesmo. Se uma reação paranóide desaba, a pessoa recai na humilhação e na fraqueza da privação oral ou da perseguição oral da qual foi vítima. Por outro lado, se uma pessoa depressiva entra numa fase maníaca pode perfeitamente desenvolver a ilusão de grandeza ou a onipotência com a mesma intensidade (riqueza) de qualquer pessoa paranóide.

Morton Schatzman assinalou, de forma semelhante, como o “vão do Dr. Schreber em direção a altos ideais morais pode ser visto como a sua forma de negar ou fugir da ameaça das suas emoções depressivas. Ao fazer isto, poderia estar a usar a defesa maníaca, na linguagem de Melanie Klein e Donald Winnicott (os psicanalistas ingleses).” (16)

Lake, de facto, sugeriu que a distinção entre a resposta paranóide de culpar o mundo e a resposta depressiva de culpar a si mesmo, envolve a margem de tolerância ao stress (tensão). Acredito que o trauma paranóide é mais grave, porque ocorre mais cedo no ciclo da vida. Winnicott alega que o sentimento paranóide pode datar do primeiro dia de vida, enquanto a base da depressão data da segunda metade do primeiro ano de vida em diante. (11)

Estados depressivos envolvem um sentimento de perda, enquanto a experiência básica do indivíduo paranóide é de que aquilo que ele teve tem tão pouco valor que ele quer se desfazer o mais rápido possível. Lowen demonstrou claramente a polaridade entre a reação paranóide e a depressiva ao escrever:

“A sanidade e a sobrevivência da criança requerem que ela veja a sua mãe de um ponto de vista positivo. Isso pode ser feito dissociando o claro comportamento destrutivo da sua personalidade, o que é então projetado numa ‘mãe má’. Mais tarde quando a realidade prova que não existem duas mães, a criança absorve para si os aspectos negativos da mãe. A criança vê-se como o vilão ou monstro que por alguma reviravolta do destino se comporta como se merecesse a dor que experimentou.” (8)

PERDA E RAIVA

A psiquiatria faz uma distinção entre dois tipos de depressão, conhecidas como depressão agitada ou reativa e depressão endógena ou retardada. Lake resumiu as características destes dois tipos e inferiu que a distinção é válida. A depressão reativa demonstra muito mais agitação e ansiedade e está associada a uma profunda raiva contra a mãe. A outra forma de depressão é caracterizada por um fraco sistema de energia e mais associada a sintomas hipocondríacos. A situação predominante para a uma criança nesta situação pode ser descrita da seguinte maneira:

“Sempre que a mãe, cujas fontes de alimentação forem inadequadas para o bebé, estiver presente, ou o contorno dos seus seios desejados estiverem à vista, a emoção sentida pelo bebé (pela pessoa que priva) é: ódio, quando ela não dá; inveja quando ela guarda para si e ciúme quando parece que ela se dá ou dá o seu seio para outros. Tanto a inveja quanto o ciúme são mais do que o desejo passivo, que poderia ser melhor definido como cobiça. Inveja e ciúme carregam uma conotação destrutiva. Quando essas emoções agressivas,

ódio, inveja e ciúme são devolvidas para o self por medo, o padrão de depressão resultante é caracterizado pelo retardo e a ausência de ansiedade vital". (6)

A imagem do lobo, com os pelos eriçados repelindo a ameaça persecutória é relacionada à defesa paranóide. A história do Capuchinho Vermelho é um pesadelo paranóide depressivo, uma vez que o lobo também é um devorador.

"A tentativa de superar a separação das fontes de suprimento vital através de fantasias de possessão toma, naturalmente, a forma de imagens mentais de um seio cheio de leite que pode ser bebido. Se o seio não for oferecido de forma que o leite possa ser sugado, o impulso é de morder e agarrar-se a ele com as fantasias de retê-lo, de modo que ele não possa ser afastado, e de devorá-lo." (6)

O bebê que teve basicamente uma boa experiência na relação com a mãe nos primeiros meses de vida, pode ter um sistema de energia suficientemente forte e um sentimento da sua própria identidade, para ser capaz de dirigir a sua raiva mais conscientemente para a mãe, como a pessoa frustradora, quando por exemplo o desmame for feito de forma abrupta ou se a mãe começar a se afastar dele quando a sua interação com o seio se torna mais personalizada. Vivenciar esta raiva é devastador, uma vez que é um sentimento equivalente ao de ser *"um assassino de sua própria fonte de vida"* nas palavras de Lake.

Bjorg Christiansen descreveu a situação no desmame:

"O desmame pode facilmente fazer surgir numerosas situações críticas. Se não se der de uma forma flexível, de acordo com o crescimento e o desenvolvimento da criança, se no final a amamentação ocorre em uma atmosfera de impaciência e tensão, facilmente surgirão impulsos de morder. A mãe talvez tensa e insegura reagirá com uma maior preocupação, que por sua vez poderá ser transmitida para a criança. Se a mãe se afasta quando o bebê morde ou tenta morder, pode muitas vezes significar para a criança a ameaça de perder o alimento. Toda a sua existência pode ser considerada em perigo.

O crescimento dos dentes e o crescente controlo dos músculos do maxilar habilitam a criança a morder. Essa habilidade, recentemente adquirida, pode facilmente tornar-se numa faca de dois gumes no que diz respeito à criança. O morder agressivo em crianças pequenas é muitas vezes encarado como um comportamento extremamente impróprio e inconveniente. O impulso da criança de morder como resposta a uma frustração pode facilmente transformar-se num bumerangue que volta na forma de novas ameaças e frustrações." (18)

O bumerangue funciona de tal modo, que a raiva e a mordida dirigidas para fora devem ser mordidas de volta e internalizadas. A raiva voltada para si mesmo transforma-se em culpa e não tem saída. A pessoa depressiva está cheia de "um sentimento de culpa por todas as ações (atividades) do tipo incisivo ou que envolvem mordida e contra mordida (morder de volta), atividades nas quais o paciente "enfiou os dentes" em alguém. Nessas circunstâncias, a ação (atividade) de retribuição e retaliação é descrita como "remorso", uma mordida de volta em si mesmo. A mãe e o seio mau, por não virem no momento da necessidade vital, passam, numa imagem mental, a ser atacados. Quando a mãe volta, ou mesmo antes disto, se a ansiedade é grande demais, a fantasia de engoli-los é necessária para tirá-los do campo de visão. A nossa própria linguagem expressa esse facto. Você tem

que digerir a sua raiva e “engolir” a sua irritação... Essa sensação de que existe algo de mau e destrutivo dentro de mim é exagerada pelo sistema nervoso autónomo, que está a contrariar a tranquila operação de digestão registando a raiva. Isto produz dispepsia nervosa. É fácil ver como um adulto, conhecendo o cancro como algo que destrói o corpo através de uma espécie de malignidade que vem de dentro, interpreta o sentimento depressivo da destrutividade engolida como se ele significasse a presença de um crescimento cancerígeno do qual ele não pode ter esperança de melhora.

Enquanto o comer compulsivo se torna muitas vezes associado à defesa paranóide, a recusa compulsiva de comer é comum na condição depressiva. Otto Fenichel assinalou que “a recusa de comer não é só o mais difundido sintoma de melancolia, ela é concomitante a toda depressão.” (2) A veracidade disto depende da intensidade da depressão e da efetividade das medidas tomadas para combatê-la. Uma pessoa depressiva que eu conheci comia o mínimo necessário para manter-se viva, a comida não lhe trazia nenhum prazer e ela ressentia-se de qualquer energia necessária para se alimentar. A sua história incluía uma mãe que usou o “negar a comida” como um meio regular de induzir a sua filha a um comportamento aceitável, chegando ao extremo de manter trancados todos os armários que continham comida na casa. É como se a criança privada que cresce numa casa como esta estivesse a dizer - como disse uma paciente de Lake - “olha, eu não poderia ser acusada de ter comido aquilo que eu não deveria, se você observar eu quase não como”. Existe também uma retaliação escondida: “uma vez que você não vai me alimentar, também farei o mínimo para me alimentar”.

Se por outro lado, o desejo oral pode ser deslocado de pessoas para coisas, a privação do amor de uma pessoa pode ser compensada pela busca de suprimentos adicionais nas coisas. Esse é o padrão de reação que Baker denominou “oral insatisfeito”. Lake descreveu uma paciente sua que não era amada pelo marido:

“Ela fazia para si três bolos por dia, recheava-os com creme e comia-os sozinha. Um médico comentou comigo que ela estava, evidentemente, a sair da sua depressão, uma vez que ela já podia passar em frente a uma loja de doces sem ceder à compulsão de entrar e comprar uma barra de chocolates e comê-la de uma vez, como fazia anteriormente.” (6)

PESAR E CULPA

A condição depressiva tem dois componentes: a sensação de privação e vazio, e a raiva da “contra mordida” (morder de volta). A sensação de pesar pela perda ou ausência da sensação de “estar vivo” (pois é este, como mostra Lowen, o real motivo da lamentação do depressivo) e o sentimento de culpa pelo protesto raivoso. As duas formas de depressão, que são reconhecidas clinicamente são associadas a estes dois componentes, apesar de ambas poderem coexistir ou estar misturadas em quaisquer defesas das pessoas. As formas de lidar com perda e culpa, entretanto, podem tomar diferentes direções. A base da satisfação na alimentação é a de estar preenchido, mas “*estar preenchido é estar totalmente cheio e isto significa uma barriga cheia, tanto de bom alimento quanto de bons sentimentos*”. (8)

Lowen (4) descreveu a estrutura energética do caráter oral como um saco vazio. Este saco vazio expressa a qualidade da energia de um seio vazio do qual esta condição deriva

literalmente ou figurativamente. Uma pessoa em tal estado pensa que precisa de algo de fora, um substituto para o leite, para enchê-la e inflá-la. Um adulto não é um bebé e a substituição por suprimentos orais - comida, bebida, drogas pelas quais ele pode se tornar viciado - não pode suprir a alimentação que lhe faltou quando bebé. O que ele precisa é a agressividade necessária para dar conta das conexões que proporcionem a manutenção da sua própria vida. Isto requer mobilização de energia para descarregar para fora e para baixo numa função motora viva que é a base da realização exploratória. A tendência oral de inflar está exatamente na direção oposta.

“No estado deprimido o ego está preso ao corpo prostrado (colapsado), que foi inundado por sentimentos de desesperança e desespero. Ele luta para se libertar e quando consegue, cresce triunfalmente como um balão de ar quente solto da mão de uma criança, tornando-se cada vez mais inflado à medida que se eleva nos ares. Existe um aumento de excitação na condição maníaca, mas este aumento de excitação ou carga energética é limitado à cabeça e à superfície do corpo, onde ativa o sistema muscular voluntário, produzindo a hiperactividade característica e a eloquência exagerada. Esta direção do fluxo mais para cima do que para baixo, não leva à descarga, que é uma função das extremidades baixas do corpo. Serve, ao contrário, para atrair a atenção para o indivíduo e representa uma tentativa de recuperar o sentimento de onipotência infantil que foi prematuramente perdido.” (8)

Por outro lado, a forma de lidar com a culpa depende do facto de ela poder ser deslocada para o corpo ou alguma parte dele, ou se todo o “self” é sentido como objeto desta culpa. A hipocondria é uma espécie de meio do caminho entre a forma paranóide de culpar os outros e a depressiva voltada para si próprio.

“Os sintomas são relatados de forma que a culpa é colocada no corpo físico. A expressão “Eu tenho que observar a minha digestão, os meus intestinos, ou mais amplamente a minha condição física” expressa a averiguação alerta, característica da defesa paranóide. Ou o adjetivo usado pode ser “fraco”. É o meu coração, são as minhas costas, ou os meus nervos fracos”. Tanto no sentido geral, físico, mental ou emocional, quanto em relação a um órgão em particular, existem claras e declaradas sensações de estar “debilitado”, “oprimido”, “enfraquecido”, “castrado”, “aleijado”, “doentio”, “lânguido”, ou “fraco como um gatinho”. (6)

Assim como o indivíduo paranóide lida com os sentimentos de maldade, cuspidos para fora do corpo, a pessoa hipocondríaca pode voltar-se contra as partes do seu corpo que considera responsáveis pelo seu sofrimento e tentar removê-las. *“Ele tem que ‘tirá-las de dentro de si’, ‘livrar-se delas’ ou tê-las retiradas imediatamente”. Esta defesa fantasiosa explica a presteza de pacientes hipocondríacos em submeter-se a grandes cirurgias em que órgãos inteiros ou parte deles são retirados.” (6)*

Se por outro lado a culpa está ligada a todo o ser, de forma que a privação do amor parece ser um resultado de más ações, temos a situação descrita por Melanie Klein:

“O objeto que está a ser lamentado é o seio da mãe e tudo o que o seio e o leite vieram a representar na mente da criança, ou seja: amor, bondade e segurança. Tudo isto é sentido pelo bebé como perdido, e perdido como resultado das suas próprias incontroláveis, vorazes e destrutivas fantasias e impulsos contra o seio da mãe.” (23)

Lowen chamou a atenção para a estranha falta de lógica que levou Melanie Klein a acreditar que a hostilidade é primária e a perda secundária, quando de facto a ordem inversa é a verdadeira. É exatamente desta forma que a criança vê. Se a comida ou o amor são negados como punição por mau comportamento, a única esperança de recuperá-los é o bom comportamento. A resposta à culpa só pode ser o comportamento expiatório. Deste momento em diante, o modo como a criança se comporta pode passar a ser uma forma de pagamento por meio do qual ela pode ter uma possibilidade de receber a recompensa do amor. O amor de agora em diante, não é algo que se possa contar, confiar, mas algo a ser obtido através do trabalho, como um dever. A essência da culpa é a sensação de dever algo a alguém. Se o depressivo tenta pagar a sua dívida, ele é capturado pelo círculo vicioso do trabalho compulsivo. Mas se ele reconhece, corretamente, que não importa o quanto ele trabalhe, o amor que ele precisa não vai chegar, não pode ser devolvido, está perdido (da forma como ele gostava) para sempre, então não tem saída para o sentimento de culpa e a autocondenação. Estas considerações funcionam na transição da dependência para o estágio em que a criança deverá crescer em direção a algumas medidas de independência da mãe.

PARTE V: EXPLORAÇÃO E REPRESSÃO: A LUTA PELA REALIZAÇÃO

Os problemas da posição esquizo-histérica e da posição paranóide-depressiva podem ocorrer separadamente ou co-existir. Podem encontrar-se pessoas depressivas com um forte componente esquizóide e pessoas histéricas com um elemento paranóide na sua estrutura. Toda e qualquer combinação destas defesas pode estar presente e ajudar a moldar as defesas particulares associadas à terceira e à quarta fase do ciclo de amadurecimento.

Quais são as características da fase de exploração? Explorar significa literalmente “brotar”. Evidências do comportamento exploratório são encontradas até mesmo em animais unicelulares como a ameba. Em animais superiores, este comportamento está normalmente associado aos movimentos através dos quais exploram o seu espaço de vida. No caso dos mamíferos, que têm um prolongado período de vinculação à mãe, a principal fase da exploração começa com o início da locomoção, que depende da capacidade de caminhar, e portanto dar os primeiros passos para o mundo, distante da mãe. Anthony Barnett, um zoologista de Glasgow, ao discorrer sobre o comportamento exploratório de animais reconheceu que:

“Este tipo de comportamento depende da liberdade a partir de orientações fixas, e permite a independência das exigências do ambiente imediato.” (24)

Alexander Lowen sugeriu que o direito de ser livre e o direito a ser independente são direitos fundamentais, e a sua frustração leva às reações de caráter psicopata e masoquista respectivamente. Lowen define liberdade como a não sujeição às necessidades dos outros, especialmente ao controle dos pais. Ele relaciona independência à capacidade da criança de desenvolver a auto-afirmação através da oposição às exigências dos pais. Não está clara, para mim, a diferença entre liberdade e independência, e eu prefiro considerá-las, como Anthony Barnett considerou, como dois aspectos da necessidade de explorar o seu

próprio ambiente e tomar decisões sobre estas necessidades. Desta forma, é claro ver as defesas psicopata e masoquista como reações polares ao principal bloqueio à exploração, que é a repressão.

Lowen relaciona a repressão a eventos ocorridos entre o primeiro e o terceiro ano de vida. *“ Isso vem de uma mãe que é super protetora, super solícita ou super ‘cuidadora’. O interesse material no bem-estar da criança é um substituto do carinho e afeto que devem acompanhar a crescente independência do novo indivíduo. Isso chama-se ‘sufocamento’ (smothering) ao contrário de ‘maternagem’ (mothering). Essa atitude pode tomar a forma de alimentação forçada, ansiedade e interesse no funcionamento intestinal, e um zelo excessivo para que a criança não se machuque em alguma atividade física. Isto é feito em nome do amor, mas é reprimir o crescimento do ego da criança. Resistência e rebeldia são logo erradicadas, auto-afirmação e auto-regulação não são permitidas. Sob a crença de que ‘a mãe sabe mais’ o espírito da criança é literalmente esmagado, oprimido”.* (4)

Nas duas primeiras fases, a da vinculação e a da sustentação, o conceito de tensão (stress) transmarginal foi usado como um limiar de distinção entre dois tipos polares de reação de caráter, uma forma ativa de protesto e uma forma mais passiva de protesto. Como resposta à ameaça de repressão às suas necessidades exploratórias, a criança tem igualmente a escolha entre duas maneiras de reagir, e a direção que ela escolhe pode corresponder da mesma forma à gravidade da tensão (stress). Basicamente o que está em jogo neste período é a luta pelo poder. Se os pais têm sucesso na luta para romper a vontade da criança e oprimir o seu espírito, resultará uma defesa de caráter tipicamente masoquista. Se por outro lado, a criança reage afirmando o seu próprio poder e controlo, está formada a base para um padrão de reação psicopata.

Opressão ou deformação da pulsação longitudinal do corpo é a ameaça básica ao metabolismo energético. Leva à compressão da energia nos segmentos inferiores do corpo com congestão e estase da pélvis e uma flexão super ativa do corpo no padrão masoquista; ou um deslocamento da energia para cima para os segmentos superiores do corpo com a expansão das áreas do peito e da cabeça (no caso do psicopata). O principal reservatório numa ou noutra extremidade do corpo torna-se sujeito à pressão, o que deforma o formato longitudinal do corpo mais maciçamente que em outras estruturas.

ANALIDADE E MOTILIDADE

Ambos os padrões de reação formam-se no que Freud denominou o período “anal”. Qual é a relação existente entre analidade e exploração? Bjorg Christiansen exprime esta relação da seguinte maneira:

“O processo de excreção é mais do que uma passiva experiência de prazer. Ele parece representar para a criança uma nova área de contacto com o ambiente. Os produtos da sua excreção despertam na criança interesses positivos onde sabor, cheiro, tato estão envolvidos e, no seu sentido mais amplo, este processo parece ser um importante campo de testes para a criança desenvolver as suas tendências de auto descoberta. Ao deixar sair o produto anal, que é parte dela mesma, a criança aprende a soltar ou a desligar a relação simbiótica com a mãe.”

Este período de desvincular a relação com a mãe coincide com o período de caminhar. Gerda Boyesen assim descreve este período:

“O prazer de chutar e o prazer da auto-afirmação estão intimamente ligados à sensação do fluxo do corpo, alcançando os músculos glúteos que são o ponto de ‘sustentação sobre os seus próprios pés’. Eles erguem o corpo e o tornam independente. Também erguem o pescoço. Isso dá um sentimento de identidade, de independência e de valor próprio, de valor como ser individual. Este processo também torna a respiração mais livre, a postura ereta e ativa e uma dignidade natural, que é típica do porte de um ser humano independente.” (20)

Uma caminhada agradável é um delicado compromisso entre se entregar à gravidade e resistir a ela. Entregar-se demais é cair e desabar. Resistir demais à gravidade produz um efeito na postura como se estivéssemos pendurados no ar. Ambos deformam o andar natural e com isso a aptidão de manter-se em pé, e de mover-se facilmente. O entregar-se demais à gravidade está associado aos músculos hipotônicos, e a resposta de resistência à gravidade a músculos hipertônicos. Trygve Braatoy descreve a relação entre postura e função anal com estas palavras:

“O problema com o treinamento de “toilete” prematuro demais, é que ele tenta ensinar à criança a relação diferencial dos mecanismos do esfíncter, num momento em que o relaxamento do esfíncter não pode ser alcançado sem o relaxamento geral dos membros inferiores. Relaxar na sanita inclui, nesta idade, o risco de cair dela. A teimosia da criança em tal situação pode ser justificada por motivos respeitáveis.” (25)

Lowen também mostrou como o facto de a criança ser forçada a usar os músculos das nádegas e das coxas para obter o controlo anal, leva a uma imobilização das pernas e a distúrbios no andar e na sustentação sobre os próprios pés.

A capacidade de explorar da sua própria maneira é a base do prazer natural na realização. O prazer principal aqui é o de fazer (doing) e realizar (making), de criar (forming) e dar forma (shaping).

“A criança demonstra um crescente interesse em brincar com objetos, em desmontar os brinquedos e montá-los novamente, em encher e esvaziar, em construir e demolir.” (18)

Aqui estão as origens da arte e da ciência, as raízes do brincar e a base da satisfação no trabalho produtivo: *“O produto da excreção de uma criança é a sua primeira forma produtiva. O processo de defecação por si só, proporciona um campo de teste para o seu autocontrolo. O produto da excreção desperta o seu interesse, inicialmente como algo para soltar, e mais tarde como algo que pode ser manipulado e sobre o qual ela pode tomar decisões. A sua manipulação e decisão significam que uma autonomia interna está a começar a tomar forma... Embora as questões do controlo anal sejam um importante aspecto, elas são provavelmente só um fragmento da questão maior, o controlo geral psíquico e motor da criança.”* (18)

As reações de carácter da fase de exploração surgem da batalha pelo controlo. A criança pode submeter-se aos pais, e externamente aceitar o seu controlo e repressão; ou ela pode resistir e afirmar o seu próprio controlo de forma a obter poder sobre os pais. Uma terceira

possibilidade é uma composição destas duas posições: usar a energia do controlo contra si, e conquistar uma independência condicional dos pais, transformando-se no controlador de si mesmo.

CONCILIAÇÃO MASOQUISTA E AMEAÇA PSICOPATA

As dinâmicas de energia do caráter masoquista foram delineadas de forma excepcionalmente clara por Reich (1), Lowen estendeu e aprofundou o nosso entendimento destas dinâmicas (4). Reich baseou o seu relato do masoquismo na descoberta de Freud de que *“masoquismo e sadismo não formam uma antítese absoluta, e um nunca ocorre sem o outro. Masoquismo e sadismo podem transformar-se um no outro”*. Reich viu esta relação em termos de uma antítese dialética. Reich afirmou que a agressão sádica não é, como Freud inicialmente pensou, limitada à fase anal. Fez uma distinção entre o sadismo oral, baseado em frustrações na amamentação (e relacionadas no presente texto à antítese paranóide-depressiva), sadismo anal, baseado em frustrações do prazer anal, resultando na necessidade de pisar, de dominar e de bater (e relacionado aqui com a antítese psicopato-masoquista) e sadismo fálico, baseado em frustrações do prazer genital, que estão relacionados com os bloqueios da quarta fase do ciclo de crescimento. As três formas de sadismo estão intimamente relacionadas, de maneira que nos padrões de caráter fálico (que serão descritos adiante) serão encontradas frequentemente subestruturas psicopatas e/ou paranóides.

Entretanto, pouca coisa tem sido escrita sobre o caráter psicopata, e uma das razões para tal é que indivíduos psicopatas raramente vêm à terapia, uma vez que procurar terapia o colocaria numa relação de inferioridade (one-down). O indivíduo psicopata reage à ameaça de repressão com opressão; ele enfrenta as tentativas de opressão tornando-se arrogante. Charles Rycroft, num livro interessantíssimo sobre *“Anxiety and Neurosis”* (Ansiedade e Neurose), que também tenta olhar para as reações de caráter como respostas biológicas à tensão (stress), faz uma distinção entre defesas em forma de ataque e defesas em forma de submissão. Ele relaciona a resposta de ataque ao que ele chama de ‘defesa obsessiva’ e no seu relato deixa claro que abrange elementos da necessidade psicopata de controlar os outros e as necessidades do caráter compulsivo de controlar a si próprio.

“A defesa obsessiva consiste em tentar lidar com a ansiedade que é inerente a todos os relacionamentos humanos, ameaçando todas as tendências espontâneas tanto em nós mesmos como nos outros, como se fossem perigosos invasores de um território sobre o qual se adquiriu o poder absoluto e o conhecimento. Adota-se então a mesma defesa dos animais contra estes invasores, quando os seus territórios são literalmente invadidos, isto é, atacar numa tentativa de expulsar o intruso ou força-lo à submissão. Quando o intruso é uma parte alienada do eu (self), a resposta de ataque manifesta-se como repressão; quando é um comportamento espontâneo de outros, a tentativa é de controlar e dominá-los negando a sua realidade como agentes livres.” (14)

Etologistas estudaram os padrões de reação de animais, e em particular os seus movimentos intencionais (24). Fizeram uma distinção entre movimentos intencionais de ameaça quando o território de um animal é invadido e movimentos intencionais de conciliação quando o animal se encontra no território de outro e atividades de deslocamento quando um

animal é apanhado entre a ameaça e a conciliação na fronteira ou margem do seu território. Relacionando com o desenvolvimento das reações de caráter, a batalha pelo controlo entre a criança e os seus pais pode ser vista como uma luta por território. Inicialmente, o território que é reclamado é o próprio corpo da criança, mais tarde é o espaço que ela procura explorar. Se a criança aceita as reivindicações feitas sobre o seu corpo pelos sedutores ou sufocantes pais, ela cedeu território vital; se por outro lado, ela afirma ser seu senhorio e domínio, ela pode vir a ameaçar os direitos dos pais. Se o masoquista se identifica com os seus sentimentos de culpa e vergonha é porque procura esconder as tendências opostas de acusação (culpar o outro) e rancor. O contrário é válido para o psicopata.

Lowen descreveu a luta pelo controlo entre pais e filho nos seguintes termos:

“É uma questão de princípio não deixar a criança ter a sua própria maneira. A criança pode sentir o antagonismo e reagir a ele com agressividade excessiva. Uma vez que as linhas do conflito estão traçadas, o desfecho da luta só pode ser desastroso. Se os pais gritam de culpa ou simplesmente fazem a criança acalmar-se, eles estarão “a estragar” a criança. Percebendo a sua fraqueza, vão tentar ser mais firmes da próxima vez, mas a criança tendo aprendido que pode conseguir o que quer criando uma confusão, vai revidar com mais vigor. Nesta situação a batalha é sem fim, com os pais superando a resistência da criança algumas vezes e cedendo noutras. Para a criança, essa questão passa a ser uma questão de princípios - por princípio vai opor-se a qualquer exigência dos pais.”

“Uma criança que cresceu numa situação destas nunca desenvolve a fé na vida. Ela aprendeu que pode conseguir o que quer simplesmente através de manobras estratégicas ou “no grito”. Os seus opositores, por sua vez, são aqueles cujo de amor ela necessita e nesta categoria estarão incluídos todos com quem deseje ter intimidade. Também aprendeu como manipular as pessoas, jogando com as suas culpas e vai usar esta tática quando a sua tirania falhar, para atingir o seu fim. O caráter que a pessoa desenvolve a partir desta experiência tem um traço sado-masoquista.” (8)

O relacionamento sado-masoquista demonstra a polaridade da fase da exploração. O caráter psicopata e o caráter masoquista são o avesso um do outro. Todo o masoquista, sob a sua submissão, possui uma raiva armazenada e uma necessidade de dominar reprimida, que é enorme na pessoa psicopata. Todo o psicopata, sob a sua dominação, esconde o medo de desabar e da humilhação. Assim a luta entre eles, se se relacionam, dá-se como segue:

O masoquista é oprimido, o psicopata oprime. O masoquista submete-se e sofre em favor da manutenção da paz, o psicopata domina e faz as pessoas sofrerem pelo objectivo de vencer a sua guerra. Se um masoquista é ignorado ou ameaçado demais, ele pode dar uma volta e tornar-se um opressor, mas não por muito tempo. Ele prefere induzir ou persuadir em direção ao que ele quer, e pode então tornar-se conciliatório. O psicopata não pode perder, o masoquista não pode vencer. O psicopata ignora as pessoas, pisa-as e destrói-as - não tem o menor respeito pelas necessidades dos outros. O masoquista é pisado, despedaçado, pisoteado - não tem o menor respeito por si mesmo. Se um psicopata perde, cai numa depressão masoquista e sente-se derrotado. Reage a qualquer queda como uma incrível humilhação e perda da “pose” (loss of face). A sua defesa é humilhar os outros. O masoquista quer proximidade e contato, mas provoca hostilidade na busca

para alcançá-las. O psicopata foge da proximidade e da intimidade, ele é hostil para evitá-las. O masoquista é pendurado, pende para baixo, é arqueado. O psicopata é suspenso no ar, acotovela e sobe nas pessoas. O masoquista pode desistir da sua vida procurando por alguém para provar o seu amor; o psicopata passa a vida esperando que os outros lhe dêem o que ele exige.

A prostração (collapse) da posição masoquista é defendida por um esforço compulsivo, de modo que a sua defesa de caráter tem elementos de compulsão. Isto explica, conforme Lowen mostrou, porque o masoquista é caracterizado de um lado por um “Eu estou tentando agradar-te” e do outro lado “eu nunca vou desistir, não importa o que você faça comigo”.

UMA NOTA SOBRE COMPULSÃO

O caráter compulsivo foi descrito tanto como uma reação de defesa associada com problemas ligados ao controle anal, quanto como um tipo de rigidez associada à fase genital do desenvolvimento. Para Lowen:

“O conceito de caráter compulsivo é amplamente usado em escritos analíticos. Na verdade esta é uma classificação baseada num sintoma e não na estrutura dinâmica subjacente a ele. Compulsão por si só é uma defesa contra a queda, o fracasso ou a derrota masoquista. No masoquista, a compulsão é uma defesa fraca, na estrutura rígida ela é uma defesa poderosa. Justamente porque a defesa é boa e a queda e o fracasso são evitados é que estamos justificados por olhar o compulsivo como um caráter rígido.” (4)

Lowen aponta sempre a rigidez como um problema genital, mas ela pode ser determinada por outros fatores diferentes da frustração genital. Em reação à repressão, associada a este período, a rigidez do tipo compulsivo é uma reação possível. Se for bem-sucedida a reação continua, quando as frustrações da genitalidade são enfrentadas. O verdadeiro caráter compulsivo é o resultado de um compromisso entre ameaça e conciliação. Desta forma, segue a preponderância de atividades de deslocamento como um sintoma neurótico. Na sexualidade, há uma propensão entre a sedução e o estupro. De facto, pode ser útil pensar em compulsão sob três aspectos: dominação compulsiva - ligada ao padrão de reação psicopata, autocontrole compulsivo - relacionado ao tradicional caráter compulsivo e submissão compulsiva - relacionada à posição masoquista.

É certo que qualquer destas três reações que uma criança desenvolva como um meio de lidar com as ameaças à sua exploração, terá como resultado uma grave perturbação que impede uma função de trabalho prazerosa. A criança *“perde a íntima relação com a sua própria produtividade e criatividade. Os seus prazeres nos processos de criar (shaping) e moldar (forming) são facilmente bloqueados a favor de uma atitude conveniente e ambiciosa em relação à realização. A sua auto-estima é limitada à sua produtividade, ou a sua produtividade orientada de forma perfeccionista preocupada com dar forma (e controlar) em detrimento do fazer e do criar.” (18)*

O prazer da brincadeira e a criatividade são substituídos pela ética de forçar e ser forçado, o que por sua vez vai formar a base na qual os relacionamentos são construídos, e sobre a qual a comunicação entre as pessoas, e especificamente as suas vidas sexuais, se darão.

PARTE VI : COMUNICAÇÃO E NEGAÇÃO: A LUTA PELA INTIMIDADE

Comunicar-se significa fazer contato. Podemos tocar as pessoas com as nossas palavras, através da nossa fala, mas essa é a forma mais tardia de comunicação a desenvolver-se. Podemos, também, comunicar-nos de corpo para corpo. *“Comunicação não é um processo intelectual frio, pelo contrário, é a única forma de compartilhar os sentimentos emocionais mais ricos, que são a informação sobre nós mesmos.”* (26)

Quando somos profundamente mexidos pelos sentimentos, o corpo move-se espontaneamente. Entregar-se ao sentimento é entregar-se aos movimentos corporais que expressam este sentimento. Reich descreveu três direções de movimentos corporais: (away) afastando-se das pessoas, (against) contra as pessoas e (toward) em direção às pessoas. Nós movemo-nos contra as pessoas quando sentimos raiva ou ódio, afastamo-nos das pessoas assustados ou com medo, movemo-nos na direção das pessoas com prazer e amor.

O contato que fazemos com o corpo de outra pessoa é governado pelos tabus mais rigorosos, que determinam com que pessoas o contato corporal é permitido e que partes dos seus corpos é seguro ou não tocar. Existe, em geral na nossa cultura, um tabu em relação ao toque, de forma que as pessoas estão famintas de toque. Existe, também, um tabu em relação a carinho (como Ian Suttie mostrou). (27)

A tendência natural de explorar o ambiente, evolui para desejo de explorar o próprio corpo e os corpos das outras pessoas. Em crianças muito pequenas, este facto não contém o foco orgástico específico da sexualidade adulta, mas está ligado a uma sensação de prazer erótico no corpo todo, incluindo o prazer em sensações genitais.

BRINCADEIRA GENITAL

“A brincadeira sexual”, escreve Bjorn Christensen, “está concentrada, principalmente, em sentimentos e toques mútuos e é, essencialmente, uma forma de brincadeira corporal. Entretanto, entre crianças de cinco e seis anos padrões de brincadeiras semelhantes à cópula são também passíveis de serem observados, padrões que lembram fortemente o comportamento sexual adulto. Uma vez que tais padrões também têm sido encontrados em ambientes onde as crianças provavelmente não tiveram nenhuma oportunidade de observar o comportamento sexual adulto, parece que estamos confrontando-nos com reações que têm raízes inatas e instintivas; reações com um carácter introdutivo (introductive) em meninos e receptivo (embracing- enclosing) nas meninas.” (18)

Reich descreveu o tabu em relação (contra) à brincadeira sexual nos termos da metáfora do palco (stage) e do campo (meadow). O palco representa a estrutura social do “homem feito” e o campo o funcionamento natural.

“No palco da atuação humana é proibido por lei e punido com multa ou prisão, ‘ou ambos’, mostrar ou mesmo mencionar o abraço de duas crianças de sexo oposto de 3 ou 5 anos de idade. Em algum lugar da plateia está sentado um ser humano com a sua segurança emocional debilitada, cheio de desejos perversos e ódio contra o que perdeu

ou nunca conheceu, pronto para correr ao promotor do distrito com a acusação de que as crianças estão a ser abusadas sexualmente e os valores morais estão a ser minados. Do lado de fora, no campo (meadow), entretanto, o abraço genital de duas crianças parece uma visão maravilhosa: o que move dois organismos a unir-se com tanta força? Nenhuma procriação está envolvida, ainda, e nenhuma consideração à família. De alguma forma, o recém-nascido, quando entra no palco, traz consigo de fora, este movimento para unir-se com outro organismo. Ocorre que há uma repressão total de algo que permanece ardendo, coberto, produzindo fumaça e névoa.” (28)

Desde que Reich escreveu estas palavras, vem ocorrendo uma revolução superficial nas normas culturais de muitas sociedades ocidentais. De um momento para o outro e de forma significativa, tornou-se permissível retratar a sexualidade de todos os tipos nos palcos e nas telas. A assim chamada revolução sexual parece combater a repressão e a frustração que a precedeu com grande permissividade e liberdade. Infelizmente nada muito fundamental mudou, uma vez que o tipo de sexualidade que emergiu é uma sexualidade profundamente latente e que é o produto de séculos de frustração.

“Dentro, no palco” escreve Reich “o abraço entre duas crianças, dois adolescentes ou dois adultos teria a aparência de algo sujo, algo intolerável de ser visto. Fora, sob as estrelas brilhantes, nenhuma destas reações à visão de um abraço de dois organismos, ocorreria em mentes sadias. Nós não estremecemos diante da visão de dois sapos, ou peixes ou animais de qualquer outra espécie se abraçando. Podemos ficar assombrados, mexidos emocionalmente, mas não temos nenhum sentimento sujo ou moralista.” (28)

Toda a questão da relação entre celebração da sexualidade e a aviltante degradação da sexualidade, nos padrões culturais, já foi descrita amplamente em outros textos (29, 30) e não será aprofundada aqui.

Para que a comunicação sexual não sofra interferência na vida adulta, é vital o apoio emocional dado à criança durante o amadurecimento genital. *“Pensamos que o apoio emocional proporcionado à criança pelo ambiente e, acima de tudo, as oportunidades que ela tem de interagir social e fisicamente (corporalmente) com crianças da mesma idade e nível são de grande importância para este processo de aprendizagem. Foi sugerido que interação em pares e brincadeiras corporais na infância em macacos representam um pré-requisito para um funcionamento sexual regular na vida adulta. Provavelmente exista uma relação semelhante nos humanos.... Se as oportunidades dadas para brincadeiras sexuais com outras crianças forem limitadas, ou se tais brincadeiras forem punidas, rejeitadas ou condenadas, os interesses sexuais da criança serão unilateralmente focados nos próprios pais. Estaremos enfrentando uma situação edípica.” (18)*

Paul e Jean Ritter descreveram algumas das dificuldades colocadas no modo da brincadeira genital na nossa cultura, e algumas formas de superá-las. Eles citam três reações às frustrações genitais em crianças:

1. As forças negativas dos pais podem ter levado à culpa e medo, de forma que as sensações de prazer genital estão todas bloqueadas e uma grande ansiedade se desenvolve no seu lugar.
2. A brincadeira genital e o seu prazer são sentidos, culpa e medo são produzidos, e assim serão guardados para momentos e locais secretos.

3. A criança está consciente de que as brincadeiras genitais deixam os pais incomodados (put on edge), apesar de verbalmente o permitirem. A criança usa este facto para provocar irritação quando se sente agressiva. (31)

A rejeição dos pais pode tomar várias formas: pode consistir em punição direta, ou carinho sedutor e estímulo corporal seguido de rejeição abrupta às reações impulsivas da criança. Os efeitos são produzir uma ruptura massiva da necessidade de contacto e fusão e um corte tanto dos sentimentos amorosos quanto dos movimentos pélvicos espontâneos.

SENTIMENTOS AMOROSOS E MOVIMENTOS PÉLVICOS

“Na história”, escreve Gerda Boysen, “temos visto a relação homem/mulher regida pela cisão: a pessoa por quem você sente carinho e amor, não sente atração sexual, e vice versa - a cisão entre a freira e a prostituta, a virgem e a cigana (...) Se existe um sentimento de amor no seu coração, então o sentimento sexual resulta naturalmente”. Se o carinho e a sensualidade tiveram de ser reprimidos, então há um bloqueio que, se não puder ser resolvido, resulta em “a energia pressionando na direção do coração e na direção dos reservatórios genitais sem nenhuma liberação ou alívio.” (20)

Para uma pessoa que amadureceu a sexualidade sem estas más experiências, ou que foi bem-sucedida em recuperar a sua vida sexual através de terapia energética, a vida amorosa adulta só vem a confirmar que intimidade é possível - Intimidade é uma palavra que tem sido muitas vezes mal empregue e passou a significar na linguagem popular, qualquer contato sexual, muitas vezes até clandestino. Envolve uma questão do que está dentro e fora de si e como encontra a outra pessoa através dos limites do corpo. Você consegue dar-se sem se perder? O que acontece quando dois corpos se sobrepõem? Dentro estão os profundos sentimentos amorosos, as vibrações corporais involuntárias e o fluxo através das células. Na interpenetração do verdadeiro contato sexual dá-se uma fusão de dois sistemas de energia carregados e receptivos. No orgasmo, os genitais fundidos (que no seu estado separado estão na periferia do corpo) passam a ser o centro do sistema de energia total, uma espécie de carga que pode fluir de volta rejuvenescendo ambos os indivíduos mutuamente. Nesta relação que flui livremente, ambos os parceiros são agressivos e receptivos um com o outro. Agressividade significa que os músculos podem ceder aos movimentos involuntários no orgasmo, que movem os corpos para um contacto mais próximo. Isto deriva do sentido da palavra “agressão”: mover em direção a. Receptividade significa que se pode render a estes movimentos e às sensações e sentimentos que os acompanham. Dar e receber, são experiências complementares entre pessoas que são receptivas uma à outra. Você sente prazer em dar e dá prazer ao receber. Como Reich descreve:

“Demora meses, às vezes anos, para conhecer o corpo do seu parceiro amoroso. A descoberta do corpo do seu amado é, por si só, uma gratificação imensa. Gratificante também, é a vitória da superação das dificuldades iniciais no ajustamento de dois organismos vivos. Ele pode não ser suficientemente delicado durante o ápice da excitação e ela pode temer a doçura da total entrega ao involuntário. Ele pode, no início, ser rápido demais, e ela lenta demais, ou vice-versa. A busca pela experiência comum de supremo prazer numa completa fusão de dois sistemas energéticos, que chamamos feminino e masculino, que

fluem. Esta busca em si, a indescritível descoberta da forma de interagir com as sensações do ser amado e o estremecimento verdadeiramente cósmico, são puro prazer (...) O abraço genital brota naturalmente e desenvolve-se lentamente de uma necessidade total do corpo de fundir com o corpo do outro... O prazer final de total descarga energética no orgasmo é o espontâneo resultado de um longo e contínuo acúmulo de pequenos prazeres (...) A excitação total dos organismos precede a excitação genital (única). A potência orgástica emerge deste prazer corporal total e não do genital. Os órgãos genitais são apenas os meios de penetração física depois que a fusão mútua dos campos de energia orgônica ocorreu, muito antes da realização (satisfação) final.” (32)

A cisão das reações sexuais naturais deve-se à negação da sexualidade infantil e adolescente e toma diversas formas. O carinho está separado da sensualidade de forma que os sentimentos amorosos dificilmente podem ser integrados com o vigor animal dos movimentos sexuais. O aspecto agressivo e receptivo da sexualidade se separam e isso, por sua vez, passa a ser identificado com algumas das características culturais associadas aos papéis masculino e feminino. Isto significa que o corpo, se quiser ser masculino, identifica-se com uma forte agressividade às expensas da suavidade e da receptividade. A garota, se quiser ser feminina, suprime os seus movimentos sexuais ativos e torna-se passiva como uma boneca, com uma ênfase de cisão numa receptividade passiva (morta). O que resulta é pseudo-sexualidade e identificação com os papéis pseudo-masculino e pseudo-feminino que se tornam defesas contra a verdadeira masculinidade e a verdadeira feminilidade.

Alternativamente, pode haver uma revolta, por qualquer um dos sexos, contra o papel usual e uma identificação com as pseudo-qualidades do sexo oposto. Isto significa que podemos encontrar mulheres com uma sexualidade pseudo-masculina e homens com uma sexualidade pseudo-feminina. Esta situação significa que existem, fundamentalmente, dois padrões de caráter polares na fase da comunicação, mas devido ao facto de as diferenças sexuais serem mais cruciais aqui que nas fases anteriores, cada pólo divide-se em dois, dando origem a quatro principais padrões de defesa de caráter para este período. Tradicionalmente foram chamados “fálico narcisista”, “histérico”, “masculino agressivo” e “passivo feminino”.

DOIS TIPOS DE RIGIDEZ

O que é que estanca o fluxo de sentimentos e impede a sua expressão e bloqueia os movimentos agressivos naturais e os converte em energia de raiva? De acordo com Lowen, são somente estruturas corporais caracterizadas pela rigidez e que possuem uma verdadeira armadura muscular, no sentido de um endurecimento, relativamente uniforme, de toda a musculatura. A uniformidade dá a estes padrões de caráter uma consistência de compulsão e força de ego que falta a outros padrões. A rigidez pode tomar duas formas, que Lowen chamou de “tipo placa” (*plate-like*) e “tipo rede ou malha” (*mesh-like*). (4) A diferença está no grau de flexibilidade ou do esforço de tensão. Os padrões de caráter rígidos funcionam como se fossem feitos de dois diferentes tipos de arame. Um arame resistente, inflexível, que resiste à flexão e é difícil de dobrar, ou um arame dúctil e maleável que cede sob tensão e mantém a sua tensão pela adaptação. A rigidez inflexível é associada a músculos hipertónicos e a rigidez flexível a músculos flácidos e hipotónicos, ocultando uma motilidade profunda. O padrão de caráter pode ser encarado com mais detalhes agora.

ESTUPRO E VINGANÇA

A defesa fálico-narcisista é a forma masculina da reação pseudo-masculina. O fálico é o penetrador cujo pênis se tornou uma arma ou ferramenta por meio da qual ele pode afirmar a sua superioridade sobre a mulher e provar a sua potência. A luta pelo poder da fase anterior é levada adiante na esfera sexual, de forma que a sexualidade passa a ser mais uma questão de fazer (doing and making) do que de dar e receber. *“Falando da ótica dinâmica, uma solução fálico-narcisista significa que os impulsos introdutivos, isto é, impulsos de penetração natural (impulses toward leading into) são modificados para a forma de impulsos de penetração forçada (...) encontramos necessidade de introduzirmo-nos indiscriminadamente, inclusive onde não fomos convidados ou desejados.”* (18) A sexualidade do fálico move-se na direção do estupro, da captura e conquista da mulher pela força. Ele não tem dificuldades em encontrar uma mulher para conspirar com ele, uma vez que ele tem a pose do herói romântico masculino das visões adolescentes. Mas o herói fálico bem desenvolvido pode tornar-se *“uma caricatura da figura romântica do cavaleiro no lombo do cavalo, o motoqueiro de casaco de couro na sua moto”* como mostrou Lowen. (33) O caráter fálico identifica-se com o falo, ele afirma a sua força, a sua dureza e agressividade contra a fraqueza, a falha e a humilhação. A sua rigidez é defesa contra o colapso, o estupro da mulher passa a ser uma forma de vingança da mãe pelo estupro da sua própria sensibilidade. Atrás da decepção com a mãe, pela qual ele se vinga, há uma inadvertida necessidade homossexual passiva. Em algum nível, o homem fálico expressa com a mulher o que ele gostaria de experimentar no papel feminino. A completa dinâmica desta defesa de caráter foi dada por Reich (1) e por Lowen (4) e não será descrita com maiores detalhes aqui.

Correspondendo ao homem fálico, existe a “mulher fálica” ou pseudo-masculina (também chamada de “masculino agressiva”) que experimentou a profunda rejeição da sua feminilidade por parte do pai. Lowen descreveu a ruptura da agressividade e da receptividade, e a frequente dessexualização da agressividade, de forma que ela compete com o homem no campo do trabalho e realização:

“O conflito dominante é com o seu pai e isso é posteriormente transferido para o terapeuta masculino e para todos os homens (...) Isto leva a uma identificação secundária com o masculino que é favorecida pelo domínio das tendências agressivas. O bloqueio contra o movimento da energia para dentro da vagina mantém a energia na região da vulva. Como ocorre uma identificação masculina, o clitóris toma a qualidade fálica real e pode aumentar. Existe uma tendência ao desenvolvimento muscular. Tais mulheres são agressivas no ato sexual mas isso deve ser considerado uma defesa contra a submissão.... Se elas provam ser mais fortes que o parceiro, elas tornam-se arrogantes e castradoras. O masculino é o receptáculo de todo o seu ódio originado da sua precoce frustração no nível genital. Num nível mais profundo, estas mulheres desejam ser forçadas à submissão.” (4)

Assim como o fálico masculino é defendido contra impulsos passivo anais, o fálico feminino é defendido contra a posição de entrega pseudo-feminina e a sedução associada a ela.

SEDUÇÃO E SUBMISSÃO

“A essência da posição pseudo-feminina é o abandono da agressividade manifesta e a identificação com a ruptura da receptividade. Charles Rycroft equiparou a defesa de submissão com a reação histérica. Ele descreve uma categoria de mulheres “que se vêem como fundamentalmente derrotadas, que adotam uma atitude de submissão nas suas relações tanto com os homens quanto com outras mulheres, que se deixam usar pelos homens como capachos ou bonecas e que são incapazes de afirmar o seu próprio direito de auto-realização ou de competir com outras mulheres. Elas deixaram-se rebaixar por pais possessivos ou maridos egoístas e adotam uma atitude sofredora caso os seus maridos sejam infiéis, ou os seus amantes as tratem conforme as suas conveniências.(...) A adoção habitual da defesa histérica da submissão, não elimina a agressividade e a auto-afirmação, mas colocam-nas na clandestinidade. Nas pessoas que usam muito esta defesa ‘ o retorno da repressão’ manifesta-se de uma forma escusa, (...) levando tanto a curtos e pouco eficientes ataques histéricos de raiva, quanto ao papel de submissão que será explorado de maneira calculada, de forma a controlar os outros fazendo-os sentir culpados, ou ainda, a convicção de ser uma pessoa derrotada será usada para justificar métodos dissimulados de manipular os outros.” (14)

Como demonstra a descrição das raízes infantis da reação histérica, a verdadeira antítese da histeria é o retraimento esquizóide. A histérica é movida por um intenso sentimento de pânico derivado da sensação de ter sido abandonada ou rejeitada pela mãe e isto a impele a voltar-se para o homem como fonte secundária de vinculação. A sua necessidade é seduzi-lo para uma intimidade e a submissão à imagem pseudo- feminina pode ser uma forma pela qual esta necessidade é expressa. A verdadeira submissão esconde a necessidade histérica de agarrar-se (grudar) e a raiva do homem pelo seu fracasso para prover o amor da forma que ele é almejado. Se seguirmos Reich ao descrever uma estrutura de caráter mais pela natureza da defesa do que pela natureza do que é defendido, entendemos que a estrutura do caráter submisso (pseudo-feminino) é, por si só, uma forma de defesa contra as tendências ao exibicionismo e à extroversão que são as marcas registadas do padrão de reação histérico.

O que é importante aqui, é reconhecer que nenhuma defesa de caráter é de um único tipo. As reações histéricas da fase de vinculação podem ser defendidas pela atividade fálica⁴ da mesma forma que as tendências esquizóides podem apresentar-se intensamente em reações do caráter submisso. Seria mais exato dizer que o padrão submisso contém em si certas tendências que estão relacionadas à histeria (da mesma forma que o padrão agressivo, segundo Baker), do que igualar os dois padrões como faz Rycroft tão prontamente.

Os principais traços de diferenciação da reação pseudo-feminina são: a passividade, o bloqueio da agressividade, escondendo uma profunda amargura e uma identificação com um ideal romântico de ternura como o desejo de ser amada e protegida. Se a forma extrema

⁴ A caracterologia de Elsworth Baker não inclui, de facto, uma categoria que corresponde ao caráter “masculino agressivo” como tal. Porém tem uma categoria denominada “intelectual histérico” (“grande cérebro”) correspondendo ao tipo identificado por Reich como a que usa o intelecto como um grande falo para defender-se de todos os homens. “Uma paciente deste tipo”, descreve Baker, “chega ao ponto de usar a sua cabeça como uma arma fálica, esmagando qualquer um em torno dela” (3)

do homem de ação fálico é o “hell’s angel” (anjo do inferno) a forma extrema da boneca de plástico passiva é uma espécie de “heaven angel” (anjo do céu).

“Frequentemente um padrão de comportamento do tipo ‘bela adormecida’, ‘angelical’, ou do tipo ‘boa menina’ vai pronunciar-se com ênfase na negação, na inocência e na ‘síndrome de Poliana’(...) implorando proteção e aproximação, para satisfazer os desejos narcisistas de receber sem dar, de fazer com que os outros acreditem que elas conseguem coisas que na realidade não conseguem (...) A ambivalência passa a ser expressa na fórmula: ‘por favor tome iniciativa, mas eu não lhe quero dar nada’.” (18)

A adoção da reação de submissão em homens leva a uma suavidade excessiva, vontade exagerada de agradar, e ‘complacência compulsiva’ do caráter pseudo- feminino (também conhecido como passivo feminino). Aqui também há uma profunda repressão da afirmação, tanto do ataque fálico à mulher quanto da agressividade natural por contato sexual e autoconfiança normal. O resultado é a mansidão artificial de um afeminado ‘sim senhor’. Da forma como Frank Lake o descreve:

“Existe uma inabilidade para sentir ou expressar raiva até mesmo a ponto de perder a auto-afirmação normal e moral diante da injustiça. Como uma reação à raiva interna contra ordens da mãe, a criança torna-se um grande defensor de qualquer ponto de vista que ela venha a expor. Ela chega ao extremo de ser altamente (melosamente) agradável com pessoas pelas quais alimenta uma raiva interna. Ela evita um confronto ou uma briga a qualquer custo. Contrariando o desejo interno de dominar e compelir as figuras parentais, o padrão de reação é de total submissão e desejo de ser controlada. Os ‘desejos de morte’ são encobertos por uma excessiva solicitude pela saúde e longevidade daqueles de quem ela depende.” (6)

No livro de Lowen sobre “THE PHYSICAL DYNAMICS OF CHARACTER STRUCTURE” (O Corpo em Terapia), há uma explicação bastante completa dos detalhes musculares e caracterológicos deste padrão de caráter, não sendo necessário repeti-los aqui.

John Pierrakos descreve alguns dos inter-relacionamentos entre o homem agressivo e a mulher passiva, e o homem passivo e a mulher agressiva. (34) Aponta que, uma vez que ambos os tipos de caráter contêm, de uma forma reprimida, a sua polaridade oposta, podemos encontrar uma alternância de papéis num mesmo relacionamento.

“A mulher escolhe um homem com características básicas de passividade e que não assume a responsabilidade por sua agressividade. Ocultando a sua agressividade, ele expressa (deixa sair) os seus sentimentos negativos de forma indireta, e a mulher expressa a sua agressividade nas funções do ego. Ele revela a sua crueldade quando nega os seus sentimentos ou quando os expressa num comportamento sexual insensível. O homem esconde da mulher o seu amor, o seu prazer e os seus sentimentos de afeto. Assim, ele subjuga-a e força-a a submeter-se a ele no ato sexual. Em outros momentos, o homem que se sente ameaçado e assustado com o comportamento ameaçador da mulher, abre mão do seu papel agressivo, da sua masculinidade e entrega-se a um estado de total passividade em todos os sentidos. Estes dois parceiros também podem alternar os papéis. A mulher torna-se o parceiro agressivo com implicações paranóides, num nível externo. Na inversão dos papéis, a mulher assume o papel passivo e o homem torna-se o agressivo. Assim dá-se o jogo da roda, num sobe e desce entre passividade e agressividade.”

Mais uma vez, são demonstradas a identidade funcional e a antítese entre estruturas de caráter de cada fase do ciclo de crescimento.

PARTE VII: BLOQUEIOS DE ENERGIA E CORRENTES DA VIDA

Assim, concluímos esta tentativa introdutória de rever as principais defesas de caráter e de esclarecer a relação entre as duas caracterologias mais dinâmicas de Freud e Reich: a de Lowen, originada do estudo bioenergético do desenvolvimento libidinal e a de Lake, construída a partir das dinâmicas interpessoais de Ronald Fairbairn e Harry

Guntrip, e da teologia existencial. As principais relações estão resumidas no quadro abaixo, que pode ser comparado ao apresentado anteriormente.

As defesas estão ligadas verticalmente com seus opostos funcionais e as setas duplas indicam as polaridades entre às quais a pessoa pode oscilar. Horizontalmente, as defesas estão ligadas por linhas pontilhadas com aquelas que partilham de características comuns da próxima fase do desenvolvimento. Assim, os prematuros padrões histéricos e orais, mesmo levando a padrões de caráter muito diferentes, têm em comum a tendência ao apego (“grudar”) - o histérico a pessoas e o oral depressivo a suprimentos orais. As defesas paranóide e psicopata estão intimamente ligadas, embora a segurança psicopata não entre em colapso com a mesma facilidade que a proteção paranóide. As defesas masoquistas e submissas têm a conciliação em comum, embora o masoquista lute contra ela e o passivo-submisso se identifique com ela.

Função energética	Fase do desenvolvimento	Qualidade de contato	Direito básico	Tensão e bloqueio	Polaridade de caráter
Fluxo	Vinculação	Ser e ver	Identidade	Ruptura e fragmentação	Esquizóide-histérico
Carga	Nutrição	Ter e saborear	Nutrição	Esgotamento e exaustão	Paranóide-depressivo
Ritmo (swing)	Exploração	Fazer e elaborar	Realização	Opressão e deformação	Psicopata-masoquista
Tónus	Comunicação	Dar e receber	Intimidade	Isolamento e rigidez	Fálico-passivo submisso

A relação entre os quatro pares de formulações de estruturas de caráter, leva a oito defesas de caráter básicas, e as cinco reações de caráter básicas de Lowen, que podem ser vistas no quadro resumo que segue:

Nível hierárquico na caracterologia de Lowen	Bloqueios na vinculação	Bloqueios na sustentação	Bloqueios na exploração	Bloqueios na comunicação
1. Direito a existir	Defesa esquizóide			
2. Direito a necessitar	Defesa fóbica (histérica pré-genital.....)	Defesas de caráter oral (com depressão)		
3. Direito a ser livre		Defesas paranóides	Defesas psicopatas	
4. Direito a ser independente			Defesas masoquistas	Defesas de caráter submisso- passivo
5. Direito a desejar				Defesas de caráter rígido assertivo
Fase	Fase ocular	Fase oral	Fase anal	Fase genital

AS QUALIDADES DO MOVIMENTO DE RUDOLF LABAN

Há uma interessante relação entre os quatro pares “funcionais e antíteses” de estrutura de caráter e as funções do movimento estudadas por Rudolf Laban. Laban foi um coreógrafo e diretor de cena alemão, que revolucionou a educação física com a sua visão dinâmica e experiência sobre a qualidade do movimento. Embora nunca tenha aplicado as suas ideias em terapia, o “Laban Art of Movement Studio” em Londres mereceu uma conferência especial na Universidade de Londres, em Abril de 1966, sobre “Movimentos e Terapia”. Trinta “terapeutas do movimento” holandeses, que tinham sido influenciados anteriormente pela visão terapêutica de Nic Waal (baseada na identificação vegetativa - conceito que ela aprendeu com Reich) (35) compareceram a esta conferência. Marion North, uma proeminente especialista nos movimentos de Laban, que participou do seminário “Communication Without Words” (Comunicação sem Palavras), da British Psychological Society, realizado em Edimburgo em Março de 1969, escreveu um livro sobre “Movement Education” (Educação dos Movimentos) (36) no qual ela faz uma tentativa de relacionar qualidades de movimentos com a caracterologia.

Laban (37) postulou que todos os movimentos de uma pessoa, eram expressão de quatro fatores básicos que ele denominou de: fluxo, tempo, peso e espaço. Se pensarmos em fluxo como uma qualidade fundamental da energia e pensarmos que peso está ligado à massa e estrutura, podemos observar que estamos a lidar com quatro propriedades fundamentais da física: energia, massa, tempo e espaço.

Para cada uma delas, Laban postulou um par antagônico de qualidade do movimento. Em relação ao fluxo ele fez a distinção entre o fluxo represado (limitado) e o fluxo livre. O fluxo totalmente limitado resulta em congelamento, movimentos imobilizados e fluxo totalmente livre resulta num movimento com muito pouca estrutura, super expansivo e impulsivo. Vemos aqui a polaridade básica da fase da vinculação, a polaridade entre a imobilidade esquizóide e o vôo histérico (fóbico).

Em relação ao tempo, Laban faz a distinção entre lento/respostas retardadas e rápido/respostas aceleradas. Na biologia, o sentido de tempo está relacionado ao metabolismo. Vemos aqui a antítese básica entre a resposta lenta de baixa carga da reação depressiva e os movimentos de alta carga e rápidos da resposta maníaca. Uma pessoa deprimida, muitas vezes, pode tomar uma droga chamada “speed” (velocidade) (anfetaminas) para acelerar as suas reações.

A terceira categoria de Laban é o peso. Os seus dois extremos são: os movimentos carregados de esforço, que são pesados, dominados pela gravidade, na direção do solo e a atitude oposta de arremessar-se do solo, resistindo à queda e dominando a gravidade. Aqui pode ser reconhecida a essência da tendência psicopata de se segurar contra a queda. No corpo contraído e comprimido do masoquista, literalmente arqueado pela própria pressão, temos a situação em que o movimento parece forçado.

A categoria final de Laban envolve dois extremos de respostas às dimensões do espaço, que ele denominou de direto e indireto. A resposta direta é reta e linear. A indireta é cheia de curvas e voltas e evita as linhas retas. Existe uma clara relação entre a atitude direta e inflexível no espaço e o padrão de reação fálico. O padrão oposto é flexível, adaptável e curvilíneo. Não é difícil identificar aqui o padrão de reação do passivo submisso.

Laban considera que uma pessoa é livre nos seus movimentos quando é capaz de oferecer resposta em qualquer ponto do espectro entre os extremos de cada modo, dependendo do que a situação exigir. Ela pode ficar imóvel ou móvel, devagar ou rápida, inflexível ou comprometida, forte ou delicada, de acordo com a necessidade. As reações de caráter podem ser vistas como expressões distorcidas destas tendências primárias: assim, o esquizóide não está simplesmente imóvel, ele congela; o fálico não é simplesmente direto, ele é compulsivamente invasivo, e assim por diante. A coincidência entre as quatro qualidades de esforço de Laban e a visão do desenvolvimento do caráter neste artigo é notável e sugere que este não é um ordenamento casual ou uma classificação arbitrária, mas algo com um profundo significado.

Não existem tipos de caráter puros. Cada pessoa que conhece tem o seu “curso da vida” (life stream) próprio e distinto. Não existem dois cursos de vida idênticos. Mas as experiências que levam aos bloqueios e distorções das energias de crescimento na vida têm muito em comum. Assim, podemos distinguir padrões e estruturas em formas de energia imobilizadas. Caráter é história congelada, lembra-nos Reich (38).

No trabalho para dissolver determinada estrutura de caráter, encontramos resistência. Cada reação de defesa neurótica luta pela sua vida e não pode ser vencido à força. Uma criança que encontrou os meios de proteger-se dos traumas de infância não reagirá tornando-se mais saudável com um terapeuta que ataque as suas defesas sem compaixão. As defesas precisam de ser amolecidas e derretidas, e o melhor aliado do terapeuta neste processo é a vida latente na pessoa que ele trabalha.

O estudo das defesas de caráter é o estudo de patologia: padrões que paralisam e

restringem o crescimento da vida. Reich, já no final da vida, falou da função salva-vidas da segregação, a função da defesa é, em última análise, uma função de preservação da vida. É verdade que a água congela, mas o regato não corre seco. Quando as reações do caráter congelado começam a dissolver, a vida foi preservada e está pronta para fluir novamente. A estrutura do caráter é uma maneira de evitar a morte. Crianças teriam definhado até morrer por falta de vínculo se não fossem capazes de desenvolver padrões de sobrevivência adequados.

Quando as estruturas de caráter começam a ruir, um novo medo da morte é despertado, a morte do self (eu) conhecido. As pessoas dizem “Sim, mas se você tirar a minha defesa como poderei saber se existe alguma coisa por baixo, talvez eu seja apenas um vazio.” Terapia profunda, portanto, pode tornar-se uma jornada de volta às inúmeras mortes que o indivíduo poderia ter tido se não houvessem as defesas, mas traz consigo a descoberta de que tudo isto aconteceu há muito tempo. É a história que congelou, o presente pode recomeçar a fluir. A morte no passado foi sobrevivida, a morte no futuro, ainda não. A pessoa descobre que existe muita vida para ser vivida neste intervalo.

Versão Preliminar

Tradução: Ana Luiza Mentz

Revisão Português: Natércia Rossi

Revisão técnica: Esther Frankel

Revisto pelo CPSB em 2011

REFERÊNCIAS

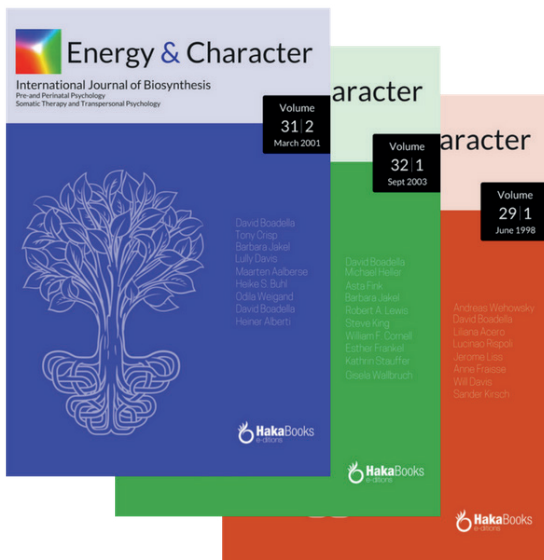
1. **Reich, Wilhelm**
Character Analysis, New York, 1949.
2. **Fenichel, Otto**
The Psychoanalytic Theory of Neurosis, London, 1946
3. **Baker, Elsworth**
Man in the Trap, New York, 1967.
4. **Lowen, Alexander**
Physical Dynamics of Character Structure, New York, 1958.
5. **Guntrip, Harry**
Personality Structure and Human Interaction, London, 1961.
6. **Lake, Frank**
Clinical Theology, London, 1966.
7. **Lowen, Alexander**
The Betrayal of the Body, New York, 1967.
8. **Lowen, Alexander**
Depression and the Body, New York, 1972.
9. **Bowlby, John**
Attachment and Loss, Vol. I & II, London, 1971, 1973
10. **Lowen, Alexander**
"A hierarchy of character structure", Energy and Character, Vol. 5
11. **Lake, Frank**
Clinical Pastoral Care in Schizoid Personality Reactions, 2nd edition
12. **Rycroft, Charles**
Anxiety and Neurosis, London, 1968.
13. **Schatzman, Morty**
Soul Murder, London, 1973.
14. **Boadella, David**
"The divided self", Energy and Character, Vol.3, No.2, May, 1972
15. **Christiansen, Bjorn**
Thus speaks the body, Oslo, 1963.
16. **Bevan-Browne, M.**
Sources of love and fear, Wellington, New Zealand, 1950
17. **Berger, John**
Ways of Seeing, London, 1972.
18. **Boyesen, Gerda**
 - a. "Experiences with dynamic relaxation", Energy and Character, Vol.1, No.2, January, 1970.
 - b. Boyesen, Mona-Lisa "Psycho-peristalsis", Energy and Character, Vol.5, No.1, January 1974.
- c. "The primary personality and the streamings",
19. **Darwin, Charles**
The expression of the Emotions in Man and Animals, London.
20. **Klein, Melanie**
"Mourning and its relation to manic-depressive states", Inter-national Journal of Psycho-analysis, Vol.21, Part 2. (April, 1946).
21. **Barrett, Anthony**
Instinct and Intelligence, London, 1967.
22. **Braatoy, Trygve**
Fundamentals of Psycho-analytic Technique, London, 1948.
23. **Boadella, David**
"Emotional expression and vegetative rhythms", Energy and Character, Vol.5, No.1, January, 1974.
24. **Russell, W.M.S. & Claire**
Human Behaviour, London, 1967.
25. **Suttie, Jan**
The Origin of Love and Hate, London, 1935.
26. **Reich, Wilhelm**
Cosmic Superimposition, Rangeley, Maine, U.S.A., 1952.
27. **Boadella, David**
"The return of the repressed", Energy and Character, Vol.3, No.1, January, 1972.
28. **Ritter, Paul & Jean**
"Genital play in children", Orgonomic Functionalism, Vol.3, No.4, 1956.
29. **Reich, Wilhelm**
The Murder of Christ, Rangeley, Maine, U.S.A., 1953.
30. **Lowen, Alexander**
Love and Orgasm, New York & London, 1965.
31. **Pierrakos, John**
"The problems and position of modern woman", Energy and Character, Vol.3, No.2, May, 1972.
32. **Reich Wilhelm**
"The emotional desert", Core, Vol.7, 1955.
33. **Winnicott, Donald**
The Maturation Process and the Facilitating Environment, London, 1965.
34. **Mullins, R.**
"The defensive function of horror", Talk at Aspen, July, 1973.

- 35. **Laban, Rudolf**
The Mastery of Movement, London, 1960.
- 36. **Liss, Jerome**
“Why touch”, Energy and Character, Vol.5,
No.2, May, 1974.
- 37. **Waal, Nic**
“A special technique for the treatment of the
autistic child”, Energy and Character, Vol.1,
No.3, September, 1970.
- 38. **North, Marion**
Movement Education, London, 1972




Outras Referências

- 1. **Boadella, David**
“Emotional expression and vegetative
rhythms”, Energy and Character, vol.5, nº1,
January, 1974

Free Article



If you wish to receive more information about the reissue of the journal, we invite you to visit our website www.energyandcharacter.com, where you can get information about how and where to buy them.

 www.energyandcharacter.com
 journal@energyandcharacter.com
 +34 680 457 788 - 620 012 111